



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A EXPERIÊNCIA DE SER MÃE NA PRISÃO

Ana Cristina Dos Santos Castanho

Orientador de Dissertação:

Professor Doutor Vítor Amorim Rodrigues

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professor Doutor Vítor Amorim Rodrigues

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Vítor Amorim Rodrigues, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicocriminologia.

AGRADECIMENTOS

À Direção Geral dos Serviços Prisionais, por ter permitido a realização do presente estudo no Estabelecimento Prisional de Tires, e à Diretora do Estabelecimento Prisional de Tires, Dr.ª Fátima da Côrte.

Ao Professor Doutor Vítor Amorim Rodrigues, orientador do Seminário de Dissertação, por me ter acompanhado e ajudado no decorrer de toda a minha investigação.

À minha orientadora de estágio, Dr.ª Maria João Figueiredo, por me ter ajudado na seleção da amostra do presente estudo e por ter debatido algumas ideias comigo, oferecendo sempre todo o seu apoio.

Às mães reclusas, pelo interesse que demonstraram e por se terem disponibilizado a participar no presente estudo.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional que sempre me deram.

À minha irmã, pelo apoio genuíno, puro e sincero, que só uma criança sabe dar.

Ao meu namorado, Ivan Reis, por todo o apoio, paciência, força, motivação, confiança, carinho, admiração, orgulho e amor. Obrigado por teres estado sempre disponível para partilhar ideias comigo, para ouvir os meus desabafos, desesperos, receios e medos, obrigado por teres dito tantas vezes “tu consegues tudo”, obrigado do fundo do coração por todo o amor e dedicação.

Às minhas colegas e amigas, Alicia Ventura e Inês Monteiro, por me terem acompanhado no desenrolar da presente Dissertação de Mestrado, por terem debatido várias ideias comigo, por me terem ajudado imenso, dando sempre toda a motivação, força, apoio e amizade.

A todos, o meu mais sincero “obrigado”.

RESUMO

O presente estudo tem como tema “A Experiência de Ser Mãe na Prisão”, sendo o seu principal objetivo descrever e compreender a experiência subjetiva das mães que desempenham o seu papel maternal num contexto prisional. A metodologia aplicada neste estudo insere-se na utilização do Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi, com o intuito de estudar os fenómenos intencionais vividos pelos diferentes indivíduos e alcançar uma descrição final com os constituintes essenciais e invariáveis desta experiência subjetiva. A amostra é constituída por quatro mães reclusas, com idades compreendidas entre os 26 e 37 anos, que se encontram a cumprir pena de prisão no pavilhão “Casa das Mães” do Estabelecimento Prisional de Tires, e que têm os seus filhos, com idades compreendidas entre 1 e 3 anos, a viver consigo na prisão. Os resultados do presente estudo indicam que a experiência de ser mãe em contexto prisional envolve uma diversidade de sentimentos e cognições, alguns negativos, tais como a perceção das dificuldades, a impotência/frustração, a vulnerabilidade psicológica e o arrependimento/culpabilidade, e outros positivos, tais como a proteção/sentimento pessoal de capacidade para desenvolver o papel de mãe, o suporte familiar, a satisfação face ao estabelecimento prisional e o crescimento pessoal/efeito suavizante da experiência prisional.

Palavras-Chave: Mãe, Maternidade, Prisão, Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi.

ABSTRACT

This study has the theme "The Experience of Motherhood in Prison", and its main goal is to describe and understand the subjective experience of mothers who play a maternal role in a prison context. The methodology applied in this study falls under the use of the Phenomenological Method of Amadeo Giorgi, with the intention of studying the deliberate events experienced by different individuals and achieving a final description with the essential and invariable constituents of this subjective experience. The sample is made up of four female inmates and mothers, between the ages of 26 and 37, who are serving a sentence in the pavilion called "House of Mothers" in the Prison of Tires, and have their children, aged between 1 and 3 years old, living with them. The results of this study indicate that the experience of being a mother in a prison context involves a variety of feelings and cognitions some of which are negative, such as the perception of the difficulties, impotence/frustration, psychological vulnerability and regret/guilt, and other positive, such as protection and personal feeling of ability to develop the role of mother, family support and overall satisfaction with the Prison and personal growth/soothing effect of the prison experience.

Key-Words: Mother, Motherhood, Prison, Phenomenological Method of Amadeo Giorgi.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
2.1. A Reclusão no Feminino	3
2.2. O Comportamento Parental	4
2.3. Ser Mãe na Prisão	6
2.4. Ser Mãe no Pavilhão “Casa das Mães”	11
2.5. A Intervenção	13
3. MÉTODO	16
3.1. Participantes	16
3.2. Instrumentos	17
3.3. Procedimento	17
3.4. Investigação Qualitativa	18
3.5. Método Fenomenológico	19
3.6. Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi	21
4. RESULTADOS	23
4.1. Apresentação e Análise dos Resultados	23
4.1.1. Estrutura Geral de Significados Psicológicos nas Quatro Participantes	23
4.1.2. Constituintes Essenciais da Experiência e Variações Empíricas	24
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	35
6. CONCLUSÃO	39
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42
8. ANEXOS	46
8.1. Anexo A: Consentimento Informado	46
8.2. Anexo B: Guião	47
8.3. Anexo C: Descrições das Experiências das Quatro Participantes	48
8.4. Anexo D: Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico	55

TABELAS

Tabela 1. Análise dos Constituintes Essenciais e das Variações Empíricas	32
--	----

FIGURAS

Figura 1. Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência de Ser Mãe na Prisão..	38
--	----

1. INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado surge como uma componente avaliativa, requerida para a conclusão do Mestrado em Psicocriminologia no Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA-IU), tendo a mesma sido orientada pelo Professor Doutor Vítor Amorim Rodrigues, que lecionou a Unidade Curricular Seminário de Dissertação.

Na sequência do estágio académico que realizei na Equipa de Tratamento Penitenciário do Estabelecimento Prisional de Tires, mais propriamente nos Serviços de Educação e Ensino, desempenhando a função de Técnica de Tratamento Penitenciário, surgiu o interesse pelo tema “Maternidade em Contexto Prisional”. De entre os pavilhões existentes no Estabelecimento Prisional de Tires, existe a “Casa das Mães” (inaugurada em 2000), que é um pavilhão destinado a reclusas que estejam no período de gestação e a reclusas que tenham filhos com idades até aos três anos, excepcionalmente até aos cinco anos, e que pretendam ter os filhos a viver consigo no estabelecimento prisional, desde que haja a autorização do outro titular da responsabilidade parental, se tal for considerado do interesse do menor, e desde que existam as condições necessárias (Decreto-Lei n.º 21/2013, de 21 de Fevereiro, art.º 7, ponto 1, alínea g).

Maternidade e estabelecimentos prisionais são duas noções que dificilmente aparecem ligadas, suscitando sentimentos contraditórios. No entanto, esta é a realidade de muitas mulheres que se encontram grávidas ou que têm filhos pequenos a seu cargo e que, por terem cometido atos delituosos, foram condenadas a cumprir penas de prisão. Existe uma inconsistência na literatura acerca desta temática, existindo autores que defendem que o desempenho materno destas mulheres será deficitário, estando em causa fatores pessoais e/ou fatores contextuais (Neto & Bainer, cit. por Machado, 1997), e autores, que pelo contrário, realçam a importância do estabelecimento de relações afetivas numa fase precoce da vida da criança, sendo portanto a favor da permanência da relação mãe-bebé na prisão, acreditando que esta pode ser saudável e adequada (Richards & Williams, cit. por Machado, 1997).

Tendo em conta que a relação que um bebé estabelece com a mãe, facultando-lhe esta estimulação adequada e investindo afetivamente no seu bebé, e que o próprio contexto onde essa relação ocorre são muito importantes para o desenvolvimento e saúde mental futura do bebé (Bentes, 1999), será pertinente analisar o comportamento parental destas mães em contexto prisional. Neste sentido, perante a inconsistência encontrada na literatura, a escassez

de estudos acerca desta temática e sendo a maternidade em meio prisional uma situação de risco que evoca uma série de emoções, mudanças e adaptações, escolhi então como tema para a minha Dissertação de Mestrado “A Experiência de Ser Mãe na Prisão”.

O presente estudo surge enquadrado no contexto de uma investigação qualitativa e através de uma leitura fenomenológica à luz do Método de Amadeo Giorgi, tendo como principal objetivo descrever e compreender a experiência subjetiva das mães que desempenham o seu papel maternal num contexto prisional, abordando os comportamentos, os sentimentos, as dificuldades e as estratégias utilizadas por estas mães face a esta realidade, percebendo assim como estas mães reagem e como se adaptam à situação de viverem com uma criança na prisão. Pretende-se então examinar, de um modo fenomenológico, a experiência vivenciada por estas mães que têm os seus filhos a viver consigo na prisão, com o intuito de perceber a essência dos significados associados à maternidade em contexto prisional.

Esta dissertação consistirá, numa primeira parte, numa revisão teórica da literatura acerca do tema em estudo, sendo portanto abordados os seguintes subtemas: reclusão no feminino; comportamento parental e maternidade em meio prisional, de forma a perceber como é ser mãe na prisão e ainda, como é ser mãe na “Casa das Mães”. Será também descrita a intervenção que deverá ser realizada junto destas mães reclusas.

De seguida, será apresentada a metodologia utilizada para a recolha de dados, sendo o Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi devidamente descrito, incluindo os participantes alvos da presente investigação, os instrumentos necessários e a explicação de todo o procedimento adotado na aplicação da metodologia escolhida.

Após a recolha de dados, serão então apresentados e analisados os resultados das experiências de quatro mães que desempenham o seu papel maternal em contexto prisional.

Por fim, serão discutidos os resultados através de uma dialética com a literatura existente e serão apresentadas algumas limitações encontradas no presente estudo, sendo ainda expostas algumas sugestões para estudos futuros.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. A Reclusão no Feminino

Embora a população reclusa seja maioritariamente do sexo masculino, tem-se notado um número crescente de mulheres detidas (Cunha, 1989, cit. por Serras & Pires, 2004). No entanto, no que toca ao tratamento penitenciário da população reclusa do sexo feminino, este nem sempre se assemelhou à forma como os reclusos do sexo masculino eram tratados em contexto prisional. Ao contrário do homem, que era criado por Deus para ser agressivo e autoritário, a mulher nascia pura, submissa e passiva, e caso falhasse no seu papel de pura e se tornasse delinquente, era considerada pior que um homem criminoso (Cunha, 1994).

Antigamente, acreditava-se que as mulheres delinquentes eram duplamente desviantes, pois, além de transgredirem a lei, também possuíam uma conduta pouco adequada à sua condição pessoal de mulher, esposa e mãe (Cunha, 1994). Neste sentido, o tratamento penitenciário da população reclusa do sexo feminino encontra-se diretamente relacionado com o conceito social que se tem da mulher em geral e da delinquência feminina em particular (Feinman, cit. por Machado, 1997).

Tendo em conta as crenças e valores referidos anteriormente, as mulheres delinquentes eram detidas todas juntas, independentemente dos crimes que tivessem cometido e da medida das penas, desacreditando-se assim na reabilitação destas mulheres. No entanto, algumas pessoas, motivadas por impulsos religiosos, defendiam que, caso fossem transmitidos valores morais, tais como a bondade e a pureza, a estas mulheres delinquentes, as mesmas poderiam ser reabilitadas (Cunha, 1994).

Entre os anos 1850 e 1900, houve então um investimento no melhoramento das condições prisionais, tendo as mulheres delinquentes sido transferidas para estabelecimentos prisionais destinados exclusivamente ao sexo feminino, sendo vigiadas por guardas femininas, a fim de combater situações de gravidez dentro das prisões. Numa sociedade em que as oportunidades dadas às mulheres eram escassas, surgiu depois a ideia de que estas mulheres, antes de se tornarem criminosas, teriam sido vítimas do desejo e poder do homem (Feinman, cit. por Pires, I., 2001). Desta forma, os homens eram então considerados culpados por esta situação social, podendo estas mulheres delinquentes ser apenas ajudadas por outras mulheres.

No entanto, à exceção das instituições religiosas privadas que abrigavam mulheres de risco, os guardas eram do sexo masculino, sendo a mulher, no século XIX, tratada de forma primitiva e punitiva, vivendo em celas sobrepovoadas, carente de bens alimentares e com fraca assistência médica, surgindo apenas no princípio do século XX a verdadeira preocupação em criar estabelecimentos prisionais próprios para as mulheres, cuja vigilância fosse efetuada por guardas femininas (Feinman, cit. por Pires, I., 2001).

Foi então surgindo, de forma gradual, um melhoramento nas condições penitenciárias femininas, entre as quais, a redução do número de reclusas por cela, a possibilidade de fazerem formação profissional em diversas áreas e uma maior e melhor assistência médica. Ainda assim, apenas por volta de 1980 é que surgiu um real interesse pela reinserção social das reclusas (Feinman, cit. por Pires, I., 2001).

Atualmente, a legislação que rege o mundo prisional feminino difere pouco ou mesmo nada, da legislação que rege o mundo prisional masculino, exceto no que concerne à maternidade (Feinman, cit. por Pires, I., 2001).

2.2. O Comportamento Parental

Segundo Rutter (1989, cit. por Pires, 1990), o comportamento parental é um conceito que se encontra relacionado com os cuidados prestados à criança, a fim de proporcionar um ambiente adequado ao seu desenvolvimento cognitivo e social, responder às suas solicitações, ao seu desconforto e aos seus comportamentos disruptivos, de forma a resolver os conflitos e as dificuldades interpessoais. O comportamento parental implica portanto que os pais apresentem algumas competências próprias, tais como, serem sensíveis aos pedidos dos seus filhos, terem a capacidade de responder às necessidades que surgem em cada fase do seu desenvolvimento, resolverem os problemas sociais, saberem lidar com as adversidades e situações de stress e é também muito importante que saibam utilizar as técnicas de disciplina.

Neste sentido, é de extrema importância que os pais tenham a capacidade de responder de maneira contingente e adequada às solicitações da criança, pois é desta sensibilidade dos pais que depende o desenvolvimento equilibrado e harmonioso da criança. Skinner (1986, cit. por Pires, 1990) defende que uma resposta contingente é aquela que é dada num curto tempo de latência e de forma consistente e uma resposta adequada trata-se de uma resposta que tem

em atenção a necessidade da criança nesse momento, tendo portanto em contra a sua solicitação ou intenção e também o seu nível de desenvolvimento.

A ausência de planeamento nas ações parentais apresenta-se como uma das razões da existência de menor sensibilidade nas relações mãe-criança, enfatizando Pires (1990), desta forma, a importância do planeamento. Planejar significa então imaginar, prever como as coisas irão decorrer, ter intenção de as realizar de determinada forma e prever também adaptações à sua forma de agir em função dos resultados obtidos. Pires (1990) acrescenta ainda que algumas características da personalidade do indivíduo poderão facilitar ou dificultar a sua capacidade de planeamento.

Segundo Belsky (1984), o comportamento parental pode ser influenciado por vários fatores relacionados com as características dos pais, da criança ou do meio envolvente. As características dos pais podem influenciar o comportamento parental, no sentido em que as mesmas podem contribuir ou não para um adequado desenvolvimento cognitivo e socio-emocional da criança. Por exemplo, se um adulto for capaz de se descentralizar de si, avaliar a perspectiva dos outros e oferecer apoio e proteção é então capaz de realizar ações atentas, calorosas, estimulantes, responsivas e não restritivas, contribuindo desta forma para o adequado desenvolvimento cognitivo e socio-emocional da criança. No entanto, se um adulto não se mostrar tão disponível para interagir com a criança, sendo mais restritivo ou mais intrusivo, como pode acontecer com as mães deprimidas, este desenvolvimento pode ser prejudicado. A maneira como cada um dos pais se relacionou com os seus próprios pais, a qualidade da sua relação conjugal e o modo e grau de satisfação com que vivem o seu trabalho são também outros fatores que podem influenciar o seu desempenho enquanto pais.

A interação que os pais estabelecem com a criança pode ser, ainda, influenciada por características inerentes a ela própria, tais como o temperamento, o sexo e até mesmo a sua aparência (Belsky, 1984).

Outras características que também podem influenciar o comportamento parental são as características do meio. Colletta (1983, cit. por Pires, 1990) demonstrou que as mães que encontravam pouco apoio nas suas redes sociais, exibiam atitudes maternas hostis, de indiferença e rejeição, ao contrário das mães que tinham forte apoio, sentindo estas menos stress e tendo as mesmas atitudes mais positivas para consigo próprias e para com as crianças.

Posto isto, existem diversas causas que podem determinar o papel parental, causas estas que envolvem influências diretas ou indiretas e que não têm todas o mesmo grau de influência (Belsky, 1984, cit. por Pires, A., 2001).

Tendo em conta o que foi exposto anteriormente e fazendo uma ponte com o que a presente Dissertação de Mestrado pretende estudar, as características pessoais da mãe e as da criança irão influenciar a sua relação e se esta relação e o comportamento parental ocorrerem num contexto e numa situação de risco, definindo-se risco como qualquer situação genérica que coloque em stress a relação mãe-criança e os cuidados parentais (Pires, A., 2001), o que é o caso das mulheres que exercem o seu papel de mãe na prisão, tal pode determinar o modo como essa relação se irá desenvolver.

2.3. Ser Mãe na Prisão

De acordo com o Decreto de Lei nº 21/2013, de 21 de Fevereiro (art.º 7, ponto 1, alínea g), um dos direitos que uma mãe reclusa possui é o de poder manter consigo na prisão o seu filho até aos três anos de idade ou, excepcionalmente, até aos cinco anos, com autorização do outro titular da responsabilidade parental, desde que tal seja considerado do interesse do menor e existam as condições necessárias.

Uma criança pode então acompanhar a sua mãe no cumprimento de uma pena, esteja a sua mãe preventiva e a aguardar julgamento, esteja a sua mãe no início da condenação, ou esteja já a meio da mesma (Townhead, 2006; Robertson, 2008).

Visto que as crianças podem permanecer junto das mães no estabelecimento prisional, poderão ser afetadas pelo ambiente prisional no decorrer da sua estadia, após saírem ou até mesmo antes da entrada na prisão, uma vez que a criança está exposta a todo o processo de inquérito, interrogatório e acusação da sua mãe, sendo este muitas vezes o primeiro contacto que os menores têm com a polícia e outros órgãos de justiça (Robertson, 2008).

O primeiro contacto com o estabelecimento prisional pode surgir com a prisão preventiva, ou seja, se a mãe for detida previamente a uma condenação enquanto o inquérito decorre, da mesma forma que em cumprimento de pena, a prisão preventiva permite que uma criança esteja no interior no estabelecimento com a mãe à espera da condenação ou da sua absolvição (Robertson, 2008).

As opiniões acerca da permanência de uma criança junto da sua mãe enquanto esta cumpre pena estão divididas, sendo que, por um lado se considera que um estabelecimento

prisional com regras severas para reclusos não é o local apropriado para uma criança, e por outro lado se reflete na importância de permanecer com a sua mãe (Robertson, 2008).

No que toca ao papel de mãe, este é um papel muito importante e que envolve alguma complexidade mas também é dos papéis mais compensadores e gratificantes. As circunstâncias exteriores, subjacentes ao nascimento da criança, também se revelam como muito importantes, pois é essencial que o meio que rodeia o seu nascimento seja o mais adequado. Muitas mulheres vivenciam a gravidez e a maternidade de uma forma preocupada e ansiosa, pelo motivo de não verem reunidas as condições que desejam (Wooldredge & Masters, 1993).

A gravidez e a maternidade são períodos de grande vulnerabilidade, esforço físico e adaptação psicológica, em que a mulher passa por várias ansiedades, fragilidades e reajustamentos. No caso da gravidez e/ou maternidade ocorrerem em contexto prisional, estas mudanças físicas e psíquicas dificultam a reclusão e a adaptação à vida prisional, tornando-a, no geral, muito difícil e problemática para as mulheres grávidas ou que têm recém-nascidos a seu cargo (Wooldredge & Masters, 1993).

Browne (1989) defende que uma mulher que seja criminosa e esteja portanto na prisão, não será capaz de desempenhar de forma eficaz o seu papel de mãe, ou porque não possui uma personalidade suficientemente estável, ou porque nenhum estabelecimento prisional pode oferecer o ambiente adequado ao desenvolvimento saudável das crianças. Cunha (1994) descreve o ambiente prisional como agitado, conflituoso e agressivo, sendo assim considerado impróprio para o crescimento de uma criança. Além disto, muitas destas crianças poderão conhecer apenas o ambiente prisional neste período da sua vida, no qual as oportunidades de novas experiências cruciais nesta etapa de vida de uma criança se revelam escassas (Serras e Pires, 2004). As mulheres que se encontram em contexto prisional revelam-se frágeis a nível psíquico e carentes de amor-próprio, revelando também uma ausência de empatia para com os seus filhos, o que poderá influenciar a qualidade da sua relação com os mesmos (Browne, 1989).

Muitas mulheres que são mães e que se encontram detidas, acreditam, elas próprias, que é importante saber distinguir o seu papel maternal e o de “criminosa”, preferindo prescindir da companhia dos seus filhos, para que os mesmos nunca sintam os efeitos da reclusão, considerando estas mulheres que o ambiente prisional não é o mais adequado para o desenvolvimento das crianças (Browne, 1989).

No entanto, as mães reclusas que não têm os seus filhos consigo na prisão, vivenciam a maternidade de forma perturbadora, estando as suas inquietações relacionadas com o bem-

estar dos seus filhos, se estes as vão visitar, se se vão esquecer delas, se vão deixar de as amar ou se vão arranjar outra mãe, existindo portanto um sentimento de insegurança por parte destas mães quanto à relação que irão ter com os seus filhos no futuro. Estas mulheres, que não se encontram no meio onde viviam e que permanecem afastadas dos seus filhos e familiares mais próximos, sentem-se duplamente isoladas, tanto na reclusão, como na sua maternidade, sendo a reclusão bastante traumatizante para estas mulheres, e revelando estas sentimentos de angústia e de grande culpabilidade por se sentirem responsáveis pelo abandono dos seus filhos (Browne, 1989).

Rufo, Pioli e Pons (1994) defendem que a vergonha ligada à prisão e o receio de traumatizarem os filhos fazem com que as mães se sintam incomodadas e hesitem em informá-los acerca da reclusão, omitindo portanto o motivo do seu afastamento e revelando-se a reclusão, muitas vezes, como uma separação brutal e prejudicial para a criança.

No entanto, algumas mulheres não têm outra hipótese senão ter consigo os seus filhos na prisão, ou por não existirem condições económicas, ou por falta de uma estrutura familiar que seja capaz de cuidar da criança, ou ainda por se oporem a que os seus filhos fiquem a cargo de uma instituição, receando estas mulheres que, mais tarde, os seus filhos não as reconheçam como mães. Neste sentido, mesmo que estas mulheres não considerem o ambiente prisional adequado às necessidades da criança, decidem manter os seus filhos consigo na prisão, pois esta surge como a única opção (Serras & Pires, 2004; Ferreira, 2007).

Contudo, seja qual for a decisão, isto é, decida a mãe não ter o filho consigo na prisão ou decida a mãe ter o seu filho junto a si, a relação entre estes acaba sempre por ser, direta ou indiretamente, influenciada e alterada pela situação prisional da mãe, pois esta situação poderá implicar uma quebra total na rotina diária da díade e/ou, principalmente, uma quebra dos laços com a pessoa mais significativa. Neste sentido, para um desenvolvimento motor e psicológico adequado, acredita-se que a criança não se deve separar da mãe, mesmo que isso implique ir com ela para a prisão durante uma fase consideravelmente precoce e importante do seu desenvolvimento (Serras & Pires, 2004; Robertson, 2008), devendo-se fazer o possível para que esta díade permaneça unida, pois o estabelecimento de relações afetivas significativas entre mãe e filho nesta fase das suas vidas é de extrema importância (Serras & Pires, 2004; Stern, 2004; Christian, 2009).

Richards e Williams (cit. por Machado, 1997) concluem que as mulheres que se separam dos seus filhos, assistindo a graves mudanças na sua dinâmica familiar, experienciam a reclusão de uma forma mais dolorosa do que as mulheres que têm os filhos consigo na prisão, afirmando Baunach (cit. por Machado, 1997) que a reclusão e a, conseqüente,

separação são a principal causa de destruição dos laços afetivos entre mãe e filho. Neste sentido, é fundamental, tanto para as mães como para os filhos, que ambos permaneçam junto um do outro, afirmando Cunha (1994) que a permanência das crianças junto da mãe amortece o choque e suaviza a vivência prisional, não se sentindo estas mães tão sozinhas, ajudando-as a ultrapassar o ambiente prisional e, muitas vezes, fazendo-as desejar ser melhores pessoas não só durante a pena como após o cumprimento (Cunha, 1994; Serra & Pires, 2004; Stern, 2004; Christian, 2009). A manutenção de contacto entre a criança e a sua mãe reclusa pode, ainda, diminuir significativamente a probabilidade de reincidência da mesma e melhora, consideravelmente, a resposta emocional da criança perante a reclusão, proporcionando ainda uma maior ligação entre mãe e filho (Bouchet, 2008; Christian, 2009).

As crianças assumem vários papéis perante a sua mãe, nomeadamente o de amigas e de companheiras, mas principalmente, o de figuras contentoras, não permitindo que as mães entrem em depressão ou que tenham outro tipo de angústias desorganizadoras (Serras & Pires, 2004). A relação que estas mães estabelecem com os seus filhos permite-lhes dar continuidade ao seu papel de mãe, o que se revela altamente estruturante da sua personalidade e identidade, não sentindo as mesmas necessidade de criar outro tipo de relações, nomeadamente homossexuais, que são frequentes nas prisões (Cunha, 1994).

Por outro lado, estas mulheres sentem, muitas vezes, uma enorme culpabilidade por manterem os seus filhos consigo na prisão (Cunha, 1994), mas tal poderá dar origem a comportamentos maternos exemplares, desenvolvendo reações emocionalmente muito intensas (Dormoy, 1992). Contudo, as reclusas poderão estabelecer relações demasiado fusionais e de grande dependência com os seus filhos e depois, quando têm de se separar deles, visto em Portugal a permanência das crianças na prisão só ser permitida legalmente até aos três anos (Decreto-Lei nº 21/2013 de 21 de Fevereiro de 2013), vivenciam-no de forma muito dramática (Rufo, Pioli & Pons, 1994). Esta relação de tipo fusional pode levar a um empobrecimento, capaz de dificultar o desenvolvimento psicológico e sensorio-motor da criança (Rufo, Pioli & Pons, 1994).

É ainda importante, acrescentar que nos estabelecimentos prisionais a dinâmica interna é bastante rígida, estando portanto a gestão da relação mãe-criança submetida às regras que regem o quotidiano prisional. Tal como já foi referido mais atrás, o planeamento, por parte da mãe, dos cuidados a prestar à criança é muito importante para a mãe obter uma relação de qualidade com o seu filho mas a dinâmica interna dos estabelecimentos prisionais pode não permitir esse adequado planeamento. Para além disto, o papel maternal encontra-se submetido a um controlo acrescido, dada a maior vigilância por parte das guardas, que frequentemente

interferem no tratamento das crianças e procuram ter um papel pedagógico, não sendo sempre aceite pela própria mãe, que sente que estão a duvidar da sua competência no desempenho do seu papel maternal (Serras e Pires, 2004).

Por vezes, as reclusas são moralmente recriminadas por terem delinquido e por não terem correspondido às responsabilidades familiares e maternas mas um bom comportamento maternal (ser atenciosa, cuidadosa, vigilante e não muito punitiva) é um fator de subida de estatuto e respeito, quer aos olhos das outras reclusas, quer do staff (Cunha, 1989).

Ao contrário então dos autores que consideram que o maior interesse da criança seria manter o contacto com a mãe em prol da sua liberdade (Cunha, 1994), Neto e Bainer (cit. por Serras & Pires, 2004) consideram que uma reclusa jamais conseguirá ser uma mãe apta, sendo que tal se pode dever a condições psicológicas e personalidade ou às condições do ambiente em que se encontram, uma vez que descrevem a prisão como um ambiente impróprio ao saudável crescimento e desenvolvimento de uma criança. Do mesmo modo, Hairston e Lockett (cit. por Serras & Pires, 2004) consideram que todo o processo de maternidade pode ser colocado em causa no ambiente prisional, sendo que é uma influência negativa para qualquer relação familiar.

Quando se fala de maternidade em contexto prisional, também é importante referir que estas crianças crescem num ambiente exclusivamente feminino, sem a presença de uma figura masculina significativa, e tanto a presença materna como a presença paterna são fundamentais para o desenvolvimento da criança (Malpique, 1990). É da responsabilidade do pai, transmitir à criança o domínio e a aprendizagem das técnicas indispensáveis à sua adaptação social e cultural. Malpique (1990) considerava que, ao contrário das mães que, tendencialmente, protegem os filhos e inibiam os seus mecanismos exploratórios, os pais encorajam a curiosidade e procuram estimular a resolução de problemas práticos, contribuindo para aumentar a segurança da criança na exploração ao meio que a rodeia.

Nesta ausência de um pai, é comum a mãe reforçar uma identificação narcísica do tipo fusional e simbiótico com os seus filhos, prejudicando-os no processo de desvinculação, recusando estes outro modelo de identificação que não seja a mãe. Por sua vez, a falta de um contacto regular com o pai pode provocar na criança um défice, uma falta, só resolvida com a busca incessante do pai ou de substitutos. A forma como a criança encara a ausência do pai, depende da forma como a mãe sente essa mesma ausência e a transmite ao filho (Harwant, cit. por Machado, 1997). Assim, será importante sensibilizar as mães reclusas para a necessidade de falarem às crianças acerca do pai, a fim de estas poderem interiorizar a sua existência, mesmo que já não tenham qualquer ligação com ele.

2.4. Ser Mãe no Pavilhão “Casa das Mães”

Tendo em conta que a presente Dissertação de Mestrado é sobre a experiência de ser mãe na prisão, torna-se importante dar um exemplo mais concreto acerca do quotidiano destas mães reclusas e dos seus filhos que se encontram a viver consigo na prisão. Neste sentido, e tendo eu realizado durante este ano letivo de 2014/2015 um estágio académico no Estabelecimento Prisional de Tires, será então interessante abordar o quotidiano da “Casa das Mães”, visto ser um pavilhão que procura juntar as famílias (mães e filhos).

Este estabelecimento prisional é um dos estabelecimentos prisionais que se destina a mulheres, sendo desta forma considerado um estabelecimento prisional especial (Projecto Alcantara, 2008) e integra então o pavilhão denominado por “Casa das Mães”, que se destina a reclusas em período de gestação e com filhos até aos três anos ou, excecionalmente, até aos cinco anos de idade (Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, 2010). O Estabelecimento Prisional de Tires integra também uma Creche que funciona das 9:00 às 17:00, de segunda a sexta-feira, e que se destina aos filhos das reclusas que tenham entre seis meses e três anos (excecionalmente, cinco anos), ficando estas crianças, até aos seis meses, ao cuidado da sua mãe no pavilhão “Casa das Mães”. Após os três (ou cinco) anos, as crianças ou vão para a família que se encontra fora do estabelecimento ou então vão para instituições, por exemplo a “Casa da Criança”, que se destina ao acolhimento de crianças de famílias carenciadas e que tem um acordo com o Ministério da Justiça, podendo as crianças visitar a mãe duas vezes por semana.

A construção da “Casa das Mães” e a, conseqüente, separação das mães reclusas e seus filhos das restantes reclusas, permitiu modificar e melhorar o desempenho maternal destas mulheres.

O seu quotidiano baseia-se à volta do trabalho e da maternidade, sendo a sua rotina a seguinte: a hora de acordar é às 7h30 e às 9h00 as crianças vão para a creche e as mães para o trabalho ou curso (aquelas que assim o escolheram). Durante a tarde, as crianças permanecem na creche, onde almoçam, dormem a sesta e lancham. Por volta das 17h00, voltam à “Casa das Mães”, ao mesmo tempo que as reclusas regressam do trabalho. O jantar é às 18h30 e, a partir das 21h30, as mães e os filhos têm de estar nas celas, sendo que o período de silêncio começa às 22h00. Sempre que as reclusas não trabalhem e as crianças não estejam na creche, cabe às mães cuidar dos seus filhos. Aos fins-de-semana, a maioria das reclusas não trabalha, podendo ocupar o tempo livre de acordo com a sua vontade.

Tendo então em conta a rotina existente no pavilhão “Casa das Mães”, as mulheres que se encontram neste mesmo pavilhão têm uma quantidade razoável de tempo para estar com os seus filhos, não tendo de se preocupar com a alimentação das crianças, exceto no caso dos recém-nascidos, nem têm de se preocupar com a ida para a creche, que fica a cargo das auxiliares da creche que, normalmente, são também reclusas, perdendo assim pouco tempo em deslocações entre o local onde residem e o emprego.

A presença dos filhos faz com que estas mulheres se sintam mais apoiadas, ajudadas e com força para ultrapassarem as dificuldades que surgem ao longo do período de reclusão e, segundo Robertson (2008), a maioria dos críticos defende que o maior interesse da criança é permanecer na companhia da sua mãe, uma vez que a criança que aqui se encontra não estará sujeita às mesmas normas, tratamentos e restrições que a sua mãe.

Entre as mães reclusas, distingue-se um tipo de solidariedade específica, motivada por necessidades que envolvem diretamente as crianças, tais como a troca de bens alimentares e cuidar do filho quando estiverem ausentes (Cunha, 1994).

Neste pavilhão, procura-se ainda promover o apoio social e emocional que, embora também seja transferido por parte da família e amigos, para as Técnicas de Instituição é, provavelmente, um apoio superior e de maior qualidade do que aquele que teriam fora do estabelecimento prisional (Cunha, 1994), sendo isto uma condição favorável ao estabelecimento de uma boa interação mãe-criança (Serras & Pires, 2004).

Contudo, a população no Estabelecimento Prisional de Tires é, sobretudo, proveniente de meios socioculturais desfavorecidos e diversos estudos referem que existe uma maior dificuldade ao nível da estimulação dos bebés para as mães que pertencem a um estatuto social baixo e que possuem um nível de instrução baixo (Serras & Pires, 2004).

Para além disto, muitas das reclusas possuem uma história de consumo de substâncias psicoativas durante a gravidez, o que produz efeitos ao nível do comportamento da mãe, bem como na maneira como interagem com a criança, podendo assim afetar a interação mãe-criança (Gottwald & Thurman, 1994; Wright & Seymour, 2000; Serras & Pires, 2004).

Estas mulheres têm também grande probabilidade de passar por um período de depressão, sendo este fator considerado como desfavorável, pois as mães deprimidas têm maiores dificuldades na interação com os seus bebés (Figueiredo, cit. por Serras & Pires, 2004), sendo a insensitividade o traço marcante dessas mesmas interações (Cox, Puckring, Pound & Mills, cit. por Pires, 1990). Estes períodos de depressão podem surgir devido à vivência prisional, que já por si é traumática, e também devido à culpabilidade que estas mulheres sentem por terem os filhos consigo na prisão (Figueiredo, cit. por Serras & Pires,

2004). Assim, as mães com depressão alteram o seu comportamento geral para com a criança, assumindo um comportamento mais severo, descuidado e punitivo, negligenciando mais a criança e dando-lhe menos afeto (Serras & Pires, 2004).

Deste modo, a influência que o meio prisional exerce na mulher pode afetar também as suas capacidades como mãe, afetando o comportamento parental que se mostra necessário a um bom desenvolvimento do seu filho, sendo os principais catalisadores de influência negativa os fatores de personalidade da mãe, a rede de apoio social e o contexto social em que a mãe e o filho estão inseridos (Belsky, 1984; Christian, 2009).

A maioria destas mães reclusas revelam também uma infância pouco ou nada feliz, tendo crescido em ambientes monoparentais, em situações de grande precaridade socioeconómica, muitas delas vítimas de maus tratos, de abuso sexual e cujos pais estiveram também detidos. No entanto, estas mães também se assemelham às outras mães, na medida em que também sonharam com uma família feliz e com carreiras profissionais de sucesso (Chesney-Lind & Rodriguez, cit. por Machado, 1997).

2.5. A Intervenção

Tal como já foi referido anteriormente, a problemática da maternidade e da relação mãe-criança existe no Estabelecimento Prisional de Tires, conferindo-lhe assim uma dinâmica própria e específica, à qual se encontra subjacente um tipo de intervenção diferenciado para cada uma das reclusas (Ribeiro, 1991).

A implementação de uma estratégia de acompanhamento psicológico ajustada a cada caso surge então como a resolução dos problemas destas reclusas, devendo ter-se em conta problemáticas como a toxicod dependência, a adolescência, a depressão e, eventualmente, psicopatologias, que poderão dificultar, não só a reclusão, como também o desempenho maternal (Ribeiro, 1991).

Tendo em conta a baixa instrução da maioria das reclusas, seria importante implementar programas pedagógicos e facultar formação teórico-prática sobre puericultura, aconselhamento e desenvolvimento infantil, de modo a que as reclusas se possam sentir mais sensibilizadas para o exercício da maternidade e mais competentes como mães, tornando a relação com os filhos mais tranquila e, conseqüentemente, mais saudável. Esta também seria

uma forma de controlar as díades relacionais e de proceder a uma intervenção terapêutica sempre que fosse necessário (Wooldredge & Masters, 1993).

Segundo Browne (1989), as mães reclusas só se sentirão menos culpabilizadas e mais competentes no desempenho do seu papel maternal, se alguém as ajudar e orientar na sua ligação com a criança. Neste sentido, torna-se importante que haja alguém que, de certa forma, desempenhe o papel dos familiares mais próximos como se estas mulheres estivessem no exterior. Este papel é então desempenhado, muitas vezes, pelas educadoras, pelas assistentes sociais e até mesmo por algumas guardas. Para além disto, o psicólogo também deve disponibilizar e criar um espaço relacional, onde estas mulheres possam conter as suas angústias e aumentar a sua autoestima.

O apoio emocional, social e instrumental prestado a estas mulheres é fundamental, pois, sentindo-se apoiadas, exibem níveis mais baixos de depressão e atitudes maternais mais positivas (Tietjen & Bradley, cit. por Pires, 1990).

A terapia de grupo (implantada nas prisões desde o final dos anos 40) e os grupos de autoajuda são outras medidas complementares de intervenção a ter em conta, atendendo aos benefícios que a partilha de experiências e sentimentos apresenta. Minde e colaboradores (cit. por Pires, 1990) observaram mães em situações idênticas de stress e concluíram que as que participavam em grupos de autoajuda, exprimiam maior confiança e maior envolvimento com as crianças.

Tal como já foi referido na presente Dissertação de Mestrado, quando a criança atinge os três anos de idade terá que sair do estabelecimento prisional, o que revela ser um período bastante importante e angustiante, em que algumas das mães dessas crianças necessitam de apoio e acompanhamento, não só para se adaptarem novamente à vida prisional mas agora sem o apoio dos filhos, como também para aprenderem a lidar com os medos e angústias de serem substituídas por outra pessoa de quem os filhos gostem mais. O processo de reinserção da criança é da competência da equipa de Reinserção Social, que é responsável por encontrar a melhor hipótese de acolhimento da criança no exterior (e.g., a família de origem, uma família de acolhimento ou uma Instituição), de forma a manter o contacto regular com a mãe, atenuando a sua angústia e a da mãe (Serras & Pires, 2004).

No que diz respeito às mães reclusas que se encontram afastadas dos seus filhos, para além de acompanhamento psicológico, seria fundamental que a Instituição Prisional promovesse visitas especiais para os filhos, mais frequentes e prolongadas, de modo a manter as relações tão estreitas quanto possível e de maneira a reduzir quanto possível as ansiedades de ambas as partes. Deve-se sensibilizar estas mães reclusas para a necessidade de informar o

seu filho da verdade, não omitindo portanto o motivo do seu afastamento, seja qual for a razão do mesmo, pois, caso contrário, a criança poderá prender-se em fantasias de abandono que a poderão prejudicar ao nível do seu desenvolvimento psicoemocional (Serras & Pires, 2004).

Wooldredge e Masters (1993) referem ainda a importância do melhoramento das condições médico-terapêuticas, como por exemplo um aumento do pessoal médico e dos psicólogos, carências evidentes no Estabelecimento Prisional de Tires.

As mulheres que passam então por todo este tipo de programas e intervenções têm menores taxas de reincidência e uma vivência prisional muito menos problemática (Feinman, cit. por Machado, 1997).

Contudo, a intervenção psicológica com estas reclusas não se restringe ao domínio da maternidade, pois, de acordo com Costa (1999) e tal como nos estabelecimentos prisionais em geral, o trabalho do psicólogo deve passar também pelo seguinte: adaptação à vida prisional; treino de competências psicológicas e sociais que permitam a reinserção; participação nas tomadas de decisão relativas à orientação interna das reclusas; elaboração de programas manuais de autocontrolo para ex-reclusas; consultadoria; formação e apoio terapêutico ao pessoal de vigilância e administrativo e, ainda, investigação.

Em contexto prisional, o psicólogo confronta-se com o dilema de servir o recluso e ao mesmo tempo servir a Instituição, o que, por vezes, assume aspetos paradoxais. Ou seja, a intenção é promover no recluso competências de autonomia e independência para que, no futuro, seja capaz de enfrentar com sucesso a sua vida em liberdade mas, ao mesmo tempo, é necessário que o recluso interiorize as regras da Instituição em que está inserido. Trata-se portanto de promover a adaptação do indivíduo a um ambiente que, por definição, é repressivo e hostil a qualquer manifestação de autonomia e iniciativa própria (Gonçalves, 1989).

Embora cheia de reticências, a intervenção do psicólogo no contexto prisional constitui o grande sinal de abertura e busca de uma nova e mais eficiente metodologia do tratamento penitenciário (Serras & Pires, 2004).

3. MÉTODO

3.1. Participantes

A amostra do presente estudo é constituída por quatro mães reclusas, selecionadas de forma aleatória, com idades compreendidas entre os 26 e os 37 anos, que se encontram a cumprir pena de prisão no pavilhão “Casa das Mães” do Estabelecimento Prisional de Tires, e que têm os seus filhos, com idades compreendidas entre 1 e 3 anos, a viver consigo na prisão.

Para além das participantes terem que ser mães reclusas que tenham pelo menos um filho a viver consigo na prisão, os critérios de seleção basearam-se também na aceitação e disponibilidade por parte das mesmas para participar no estudo, tendo as quatro mães reclusas que foram selecionadas assinado o consentimento informado, que se encontra anexado à presente Dissertação de Mestrado (Anexo A).

De seguida, será realizada uma breve descrição de cada uma das participantes, de acordo com as informações obtidas através dos seus respetivos processos, e com o consentimento das mesmas:

- A participante 1 (P1) é uma mulher com 32 anos, de nacionalidade cabo-verdiana, solteira, ajudante de cozinha, primária no sistema prisional e entrou no Estabelecimento Prisional de Tires com a sua única filha, que tinha 15 dias à data de entrada e que hoje já tem 2 anos.
- A participante 2 (P2) é uma mulher com 26 anos, de nacionalidade portuguesa, solteira, desempregada, primária no sistema prisional e entrou no Estabelecimento Prisional de Tires grávida do seu primeiro e único filho, que hoje tem 3 anos.
- A participante 3 (P3) é uma mulher com 36 anos, de nacionalidade cabo-verdiana, solteira, comerciante, reincidente no sistema prisional e engravidou do seu terceiro filho numa saída precária, tendo a sua filha, no presente, 1 ano de idade.
- A participante 4 (P4) é uma mulher com 37 anos, de nacionalidade portuguesa, que vive em união de facto, desempregada, primária no sistema prisional e entrou no Estabelecimento Prisional de Tires com um filho de 1 ano de idade, tendo o mesmo, no presente, 2 anos. A reclusa tem, ainda, três filhas no exterior.

3.2. Instrumentos

Como principal instrumento da presente Dissertação de Mestrado, surge um guião (Anexo B), que foi realizado com o intuito de se obter uma descrição detalhada da experiência vivida por cada uma das quatro mães reclusas que são participantes deste estudo. Para além do guião, foram fornecidas duas folhas brancas de tamanho A4, para que as reclusas pudessem então escrever um texto onde partilhassem a sua experiência como mães em contexto prisional, incluindo todos os seus pensamentos e sentimentos, e também a relação que estabelecem com o seu filho.

Os dados recolhidos a partir do guião foram, posteriormente, analisados através do Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi.

3.3. Procedimento

Após a autorização da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) e da Diretora do Estabelecimento Prisional de Tires para a realização do presente estudo, foram então selecionadas de forma aleatória quatro mães reclusas que se encontram a cumprir pena de prisão no pavilhão “Casa das Mães” do Estabelecimento Prisional de Tires. Foram-lhes explicados os procedimentos e os principais objetivos do estudo, tendo sido também as participantes informadas de que a sua participação é voluntária e a sua identidade nunca será revelada.

Depois de aceitarem participar no presente estudo, assinando o consentimento informado, e após o meu agradecimento pela disponibilidade de cada participante, foi então distribuído um guião a cada reclusa, tendo sido novamente esclarecidos os objetivos do estudo, de forma individual e numa sala de atendimentos presente no pavilhão “Casa das Mães”, tendo sido ainda esclarecidas algumas dúvidas colocadas pelas reclusas.

Através do guião, foi então solicitado às reclusas que descrevessem a sua experiência enquanto mães na prisão da forma mais detalhada possível, tendo sido fornecidas duas folhas brancas de tamanho A4 para a concretização do mesmo. Uma das reclusas (participante 3) quis realizar o seu texto na sala de atendimentos, para poder usufruir da minha ajuda,

enquanto as outras três reclusas optaram por levar o guião consigo para a cela, comprometendo-se a entregar o seu texto entre 1 e 3 dias depois.

Posteriormente à aplicação dos guiões de cariz descritivo e após a obtenção dos dados de investigação, os mesmos foram analisados através do Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi, que será, de seguida, devidamente descrito.

3.4. Investigação Qualitativa

Tendo em conta que o presente estudo tem como objetivo descrever e compreender a experiência individual da vivência da maternidade em contexto prisional, a escolha de um método qualitativo, de natureza fenomenológica, torna-se a mais indicada à investigação, na medida em que parte da descrição de experiências pessoais para alcançar a descoberta do significado psicológico, implícito ou explícito, expresso pelos indivíduos. Os métodos de pesquisa devem ser selecionados, ajustados e desenvolvidos a partir de uma compatibilidade com a natureza do fenómeno estudado. Como tal, é o fenómeno que dita o método, incluindo o tipo de participantes (Groenewald, 2004).

Neste sentido, antes de se abordar o Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi, que é o método utilizado na presente investigação, torna-se relevante compreender que, atualmente, o método fenomenológico faz parte de um todo que é a investigação qualitativa.

A investigação qualitativa tem como principal objetivo desenvolver uma compreensão de como o mundo é construído, reflexão que pode ser realizada sob diferentes perspetivas. A investigação qualitativa é humanista e parte do princípio que, individualmente e coletivamente, criamos o mundo em que vivemos e somos responsáveis pelo mesmo. Este tipo de investigação produz, essencialmente, conhecimento em três áreas: o conhecimento do outro; o conhecimento do fenómeno e o conhecimento reflexivo. É implícita a qualquer forma de pesquisa qualitativa a ideia que, em última análise, não podemos conhecer realmente como é que o mundo é construído, não conseguimos atingir a compreensão “científica” do mundo humano (McLeod, 2001).

A investigação qualitativa tem vindo a ganhar aos poucos o seu lugar no estudo da condição humana e tem-se caracterizado por uma vulnerabilidade na forma de trabalhar e recolher dados. Contudo, a mesma possui um pilar comum que assenta numa integração do estudo da psicologia com a riqueza dos seus contextos históricos, sociais e culturais. Ainda

assim, ressalta-se a especial atenção que a investigação dá às pessoas, às suas experiências, situações e respetivos contextos, tendo sempre em consideração o facto dos indivíduos serem atores principais na criação de significados intencionais sobre essas experiências (Maracek, 2003).

Como tal, os fenómenos que não apresentam uma fácil quantificação são os mais apropriados para serem analisados pelos métodos e procedimentos da investigação qualitativa, que procuram uma compreensão particular do fenómeno em estudo, não se interessando por generalizações, princípios ou leis, na medida em que o foco da atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual (Coltro, 2000).

Em termos gerais, o resultado final de uma investigação qualitativa segue, normalmente, uma conduta orientadora que integra, simultaneamente, a experiência dos participantes, a reflexão do investigador, a descrição e interpretação do problema e as propostas de intervenção em relação à literatura (Creswell, 2007).

3.5. Método Fenomenológico

Todos os métodos de investigação são fundados em certos pressupostos epistemológicos sobre como conhecemos, ou qual é a natureza da realidade. A fenomenologia reconhece que os significados são dados na perceção, que permite aceder à experiência do mundo como é dada antes de qualquer análise. Posteriormente, só na análise é que os significados são modificados (Donalek, 2004).

A Psicologia Fenomenológica pretende investigar a experiência vivida dos sujeitos, analisando *como* é que os objetos são dados diretamente à consciência, *como* é que é a experiência desses fenómenos, o que significa que para compreendermos a realidade psicológica, é necessário compreendermos a essência do fenómeno, conhecer como é que as coisas se apresentam a nós (Giorgi & Sousa, 2010). A ciência psicológica deve ter em consideração as dimensões qualitativas do fenómeno experimentado (Giorgi, 2000).

A fenomenologia, que se dedica ao estudo da essência do fenómeno, surgiu como movimento filosófico a partir da obra de Edmund Husserl, tendo vindo, posteriormente, a exercer a sua influência nas ciências sociais (Giorgi & Sousa, 2010).

Um conceito importante da fenomenologia é o conceito de intencionalidade, tendo em conta que o mesmo se revela como o princípio fundamental para se compreender o objeto de

estudo da Psicologia Fenomenológica. Este conceito foi desenvolvido por Edmund Husserl como característica fundamental da consciência, isto é, a intencionalidade significa que a consciência é sempre consciência de qualquer coisa, independentemente do tipo de ato que a consciência estabelece. Esta visa sempre um objeto, quer se trate de uma percepção, de uma fantasia, de um sentimento, de uma recordação ou de uma alucinação, a consciência está, permanentemente, projetada para fora de si mesma, isto é, dirigida a um objeto. Mesmo quando o objeto não existe na realidade, como acontece no caso das alucinações, a consciência intencional visa um objeto, o qual não é propriedade de um referente (Giorgi & Sousa, 2010).

De acordo com Giorgi e Sousa (2010), os aspetos cruciais de uma abordagem fenomenológica assentam, em primeiro lugar, na compreensão do fenómeno da consciência e, em segundo lugar, na totalidade da experiência vivida de uma determinada pessoa. Neste sentido, o papel da consciência é assumido como a principal fonte de construção de significado, em relação aos objetos ou fenómenos que se apresentam intuitivamente.

O método fenomenológico propõe uma descrição exaustiva do fenómeno da experiência quotidiana, com o intuito de chegar à compreensão das suas estruturas essenciais. Neste sentido, é necessário um alheamento de teorias e crenças, a que Husserl denominou de *epoché* ou *redução fenomenológica*, caracterizada pela exploração do fenómeno enquanto algo puro, livre dos elementos pessoais e culturais, o que facilita o alcance da essência. A *epoché* consiste numa atitude de suspender quaisquer pressupostos, conhecimentos ou crenças sobre o fenómeno investigado e a *redução fenomenológica* implica que os objetos sejam reduzidos, mas não os atos da consciência, com os quais os objetos estão correlacionados, o que significa que eles são reconhecidos exatamente como se apresentam a si mesmo, são pensados como presenças, não realidades. Os objetos ou aspetos da situação são considerados intencionais, enquanto os atos são entendidos como correlacionados com a subjetividade existente (Giorgi, 2000). Assim, na raiz da fenomenologia, o que se pretende é compreender o fenómeno em si e permitir a emergência da sua essência (Groenewald, 2004).

De um modo geral, a investigação fenomenológica psicológica pretende clarificar situações vividas pelas pessoas na vida quotidiana, permanecendo o mais fiel possível ao fenómeno e ao contexto em que o mesmo aparece no mundo. Na análise fenomenológica de um determinado fenómeno, os participantes descrevem uma experiência vivida num contexto específico, que é depois analisada com o objetivo de conhecer a essência psicológica desse fenómeno. A importância do uso de descrições está relacionada com a necessidade de conhecer como alguém experimenta o que está a ser vivido (Giorgi & Giorgi, 2003).

A descrição é então obtida através de uma entrevista, cuja finalidade é que o participante descreva, com o maior detalhe possível, a experiência de uma situação do interesse do investigador, constituindo a transcrição da entrevista os dados brutos da investigação. A partir da descrição, o investigador analisa-a de todos os ângulos e perspectivas, de forma a separar os aspetos do fenómeno contingentes a circunstâncias particulares, dos que se mantêm constantes, a fim de alcançar a essência do fenómeno (*variação livre imaginativa/análise eidética*) (McLeod, 2001).

Assim, este método fenomenológico científico é um método descritivo, uma vez que parte das descrições concretas de experiências vividas pelos participantes, sendo o resultado final do processo de análise uma descrição da essência psicológica ou constituintes essenciais da estrutura do fenómeno (Giorgi & Giorgi, 2003).

3.6. Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi

Para Giorgi, o conceito operativo da investigação fenomenológica é a descrição, sendo portanto o objetivo do investigador descrever, com a maior precisão possível, o fenómeno, abstendo-se dos conhecimentos anteriores sobre o mesmo, mas permanecendo fiel aos factos (Groenewald, 2004).

De acordo com o método de Giorgi, uma análise fenomenológica descritiva engloba quatro fases, sendo estas as seguintes:

1. Estabelecer o Sentido Geral: Ler a descrição na sua totalidade, a fim de conhecer o seu sentido geral;
2. Determinação das Partes: A descrição do participante é dividida em partes, isto é, em unidades de significado, possibilitando desta forma uma análise mais aprofundada da experiência descrita;
3. Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico: Esta fase irá permitir um refinamento progressivo do sentido da descrição original, esclarecendo esta transformação aquilo que está implícito. Algumas unidades não terão particular valor psicológico e por isso serão ignoradas, enquanto outras serão psicologicamente significativas. A leitura múltipla das unidades de significado, a reflexão e o envolvimento na variação livre

imaginativa são todos, formas de determinar o significado psicológico das unidades discretas identificadas no passo anterior;

4. Determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos: Consiste em determinar quais os constituintes essenciais, isto é, quais os significados invariantes da experiência. O investigador examina cada uma das unidades transformadas e seleciona os constituintes verdadeiramente invariantes que são utilizados na construção da estrutura.

No final, o investigador dialoga com a literatura, de forma a estabelecer uma comparação entre os dados por si obtidos e as investigações já existentes (Giorgi & Sousa, 2010).

4. RESULTADOS

4.1. Apresentação e Análise dos Resultados

De acordo com o Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi, os resultados serão apresentados segundo duas vertentes principais, referindo-se a primeira à elaboração de uma estrutura geral de significados psicológicos, que congrega a essência comum das experiências subjetivas das quatro participantes em relação ao tema em estudo, e a segunda vertente refere-se à descrição e análise dos sentidos mais invariantes contidos nas várias unidades de significado, denominados constituintes essenciais da experiência, bem como das respectivas variações empíricas.

As descrições das experiências das quatro mães reclusas participantes neste estudo e a transformação das unidades de significado em expressões de carácter psicológico de acordo com os quatro passos do Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi, podem ser consultadas na última secção da presente Dissertação de Mestrado, isto é, na secção dos Anexos (Anexo C e Anexo D, respetivamente).

4.1.1. Estrutura Geral de Significados Psicológicos nas Quatro Participantes

De acordo com as quatro participantes do presente estudo, a experiência de ser mãe em contexto prisional envolve uma diversidade de sentimentos e cognições, alguns negativos e outros positivos.

Estas mães, que desempenham o seu papel maternal num ambiente prisional, deparam-se com diversas dificuldades, precisamente pelo sítio onde estão a criar os seus filhos, não considerando este como o melhor sítio e o mais indicado, pois os seus filhos encontram-se privados de liberdade e poderão sentir sofrimento.

Perante as dificuldades existentes dentro de um estabelecimento prisional e perante as regras e normas que o mesmo constitui, estas mães reclusas sentem-se impotentes e frustradas por não poderem oferecer aos seus filhos tudo o que gostariam e que seria possível em meio livre.

No período de gestação destas mulheres ou mesmo durante o crescimento dos seus filhos, é comum a existência de uma certa vulnerabilidade psicológica, ou por sentirem que são jovens demais e que poderão não conseguir responder a todas as necessidades dos seus filhos, ou por sentirem que poderão fazer sofrer os seus filhos ao tê-los a viver consigo em meio prisional ou mesmo medo da perda, medo de perder os seus filhos.

O arrependimento e a culpa são também sentimentos presentes nestas mães reclusas, uma vez que sentem que estão a fazer sofrer os seus filhos ao privá-los de liberdade.

No entanto, apesar de todas as dificuldades que estas mães sentem ao criarem os seus filhos dentro de uma prisão, as mesmas afirmam ter um grande suporte familiar e sentem que conseguem contornar essas mesmas dificuldades, desempenhando desta forma o seu papel maternal com sucesso. Estas mães sentem que dão tudo aquilo que podem aos seus filhos e que o mais importante, isto é, amor, carinho e proteção, nunca lhes faltou ou faltará, fazendo estas mães tudo para que os seus filhos se sintam felizes.

As participantes deste estudo manifestam também uma enorme satisfação face ao estabelecimento prisional, pelo facto do mesmo apresentar boas condições para ter as crianças a viver e pelo facto deste mesmo estabelecimento satisfazer todas as suas necessidades enquanto mães e as necessidades dos seus filhos.

Com esta experiência, as mães reclusas participantes neste estudo afirmam ter crescido muito, não só a nível pessoal como também a nível maternal, acrescentando que a companhia dos seus filhos a tempo inteiro se revela fundamental, pois dá-lhes força e ajuda-as a ultrapassar todos os obstáculos, existindo assim com a sua presença um efeito suavizante da experiência prisional.

4.1.2. Constituintes Essenciais da Experiência e Variações Empíricas

Os constituintes essenciais representam os significados invariantes que foram encontrados no espectro da experiência de maternidade em contexto prisional das quatro participantes. Neste sentido, foram então identificados os seguintes constituintes essenciais na estrutura geral de significado:

- Perceção das dificuldades;
- Impotência/Frustração;
- Vulnerabilidade Psicológica;
- Arrependimento/Culpabilidade;
- Proteção/Sentimento pessoal de capacidade para desenvolver o papel de mãe;
- Suporte Familiar;
- Satisfação face ao Estabelecimento Prisional;
- Crescimento Pessoal/Efeito suavizante da Experiência Prisional.

De seguida, serão analisados os constituintes essenciais mencionados anteriormente, tendo em conta as suas respetivas variações empíricas, que serão completadas através das citações das quatro participantes do presente estudo, indicadas através da sigla u.s. (unidade de significado) e do respetivo número, que poderão ser consultadas no anexo D.

Perceção das dificuldades

Ao longo das descrições das experiências das quatro participantes neste estudo, foram identificadas, pelas mesmas, diversas dificuldades no desempenho do seu papel enquanto mães dentro de um estabelecimento prisional.

A participante 1 (P1) percebe algumas dificuldades ao criar a sua filha em meio prisional, nomeadamente, por ter que, sozinha e sem a presença diária do pai da sua filha, fazer tudo para que a criança não sofra por estar privada de liberdade:

“Ser mãe na prisão é...ser mãe, ser pai, é ser tudo, tentar que a minha filha não se aperceba onde está, que é muito difícil...é complicado.” (u.s. 2)

“Tive a minha filha na rua e ser mãe dela aqui dentro é muito diferente do que lá fora porque a liberdade é tudo para quem quer que seja (...).” (u.s. 3)

A participante 2 (P2) refere ser complicado ser mãe num contexto prisional, pelo facto de não ter a sua família junto de si, visto serem de muito longe e nem sempre poderem visitá-la, e pelo facto também do pavilhão onde vive com a sua filha ser um pavilhão demasiado fechado para uma criança:

“Estar no Pavilhão Casa das Mães não é mau de todo, só tem um senão, é muito fechado para ter aqui o meu filho, então ao fim de semana estão abertos 2 horas por dia no recreio pois as outras 22 horas é como se estivessem fechados, é muito chato,

deveria o recreio estar aberto mais tempo visto que aqui é a casa das crianças.” (u.s. 8)

A participante 3 (P3), primeiramente, pensou no aborto, a fim de não fazer sofrer a sua filha ao colocá-la a viver num ambiente prisional. Posteriormente, acabou por decidir seguir com a gravidez mas sentiu falta de diversas coisas, das quais, devido às regras existentes dentro de um estabelecimento prisional, não pôde usufruir, nomeadamente da presença da sua família em momentos muito importantes e dos seus hábitos africanos:

“(…) pensei em abortar, não queria de todo seguir com uma gravidez e ter um filho neste tipo de ambiente.” (u.s. 1)

“A gravidez não foi fácil, isso não, foi muito difícil, não podia comer muita coisa que queria, satisfazer os meus desejos, depois tinha a tensão baixa e não podia tomar banho sozinha, não foi fácil. Quando a minha filha nasceu, eu não tive visitas no Hospital, nem pude ligar para a minha família a dar a notícia de que a minha filha já tinha nascido porque era greve, então nem um telefonema pude fazer. (...) “Eu tenho mais dois filhos (...) ambos nasceram nestes hábitos africanos, esta minha filha foi a única que não, senti falta disso.” (u.s. 5)

A participante 4 refere que, embora não seja impossível desempenhar o seu papel de mãe num estabelecimento prisional, não é fácil e é muito diferente do que criar filhos em meio livre:

“Ser mãe dentro de um estabelecimento prisional, não é fácil mas não é impossível. Quando vim presa, trouxe o meu filho comigo (...) sei o que é ser mãe lá fora em liberdade, pois tenho mais duas filhas (...) por isso é claro que noto uma grande diferença ao criar um filho dentro de uma prisão.” (u.s. 1)

Impotência/Frustração

A impotência e a frustração são sentimentos presentes nestas mães reclusas, sendo que estas mães, ao criarem os seus filhos num contexto prisional, sentem que não podem dar tudo o que gostariam de dar aos seus filhos.

A participante 1 (P1) manifesta um sentimento de impotência e frustração ao sentir que, dentro de um estabelecimento prisional, não lhe consegue oferecer certas coisas:

“(…) vejo a minha filha a crescer aqui dentro e digo “não posso levá-la para o jardim, comprar isto e aquilo”, são tantas coisas que gostaria de fazer por ela mas

que não posso!!! Sinto que aqui dentro não dou tudo o que gostaria de dar à minha filha, há coisas que não posso dar (...)” (u.s. 3)

A participante 2 (P2) sente-se impotente por não conseguir satisfazer todos os desejos do seu filho, sentindo-se frustrada por privar o filho das coisas que ele gosta e das quais pode usufruir em meio livre:

“(...) há certas coisas que ele quer e que eu não posso dar e aí sim fica um sentimento de frustração por ele ter que estar aqui privado da família e das coisas que ele gosta de brincar e comer quando está na rua com os tios (as) (...)” (u.s. 5)

A participante 3 (P3) revela também impotência e frustração quando compara aquilo que deu aos seus outros filhos, que foram criados em meio livre, com aquilo que não consegue dar à sua filha que está a criar em meio prisional:

“Senti falta também de não lhe poder comprar uma prenda, a primeira roupa, os primeiros sapatos, tal como fiz com os meus outros filhos.” (u.s. 5)

A participante 4 demonstra sentir-se impotente e frustrada por não conseguir dar ao seu filho aquilo que sabe que poderia dar em meio livre, fazendo também uma comparação com os seus filhos que criou em meio livre:

“Mas às vezes, eu própria, sinto falta de não lhe poder dar algumas coisas que em meio livre lhe poderia dar...tal como fiz com os meus outros filhos (...)” (u.s. 4)

Vulnerabilidade Psicológica

Perante a gravidez ou o crescimento dos seus filhos num estabelecimento prisional, estas mães reclusas manifestam também alguma vulnerabilidade psicológica.

A participante 1 (P1) sente que pode perder a sua filha ou que a mesma pode sofrer, manifestando desta forma sentimentos de medo e de insegurança:

“Também sinto medo...medo de perder a minha filha ou que aconteça algo com ela.” (u.s. 5)

A participante 2 (P2) demonstrou sentir-se insegura e com alguns medos por ter sido mãe jovem e ainda não se sentir preparada para desempenhar o papel de mãe e para responder corretamente a todas as necessidades do seu filho:

“Tive muitas dúvidas em como conseguia eu cuidar de uma criança pois, se eu ainda me considerava uma criança, na altura com 22 anos, não sabia nada da vida. Também tive alguns medos quando o meu filho chorava e eu sem saber o que é que ele tinha (...)” (u.s. 3)

A participante 3 (P3) sentiu-se insegura em relação a ter um filho na prisão, tendo sido preciso uma força exterior, neste caso a força da mãe, para seguir com a gravidez e ultrapassar as dificuldades:

“Pensei que iria ser muito difícil ter um filho na prisão, iria fazer sofrer uma criança inocente. Mas a minha mãe (...) deu-me muito apoio para seguir com a gravidez (...)”
(u.s. 2)

A participante 4 refere ter sentido, no início da sua experiência, alguns medos relacionados com a sua capacidade para ser mãe em meio prisional:

“No início, cheguei a sentir medo...medo de não conseguir dar tudo o que o meu filho merece, medo de não o fazer sentir-se feliz e de não ser a mãe que ele merece ter.”
(u.s. 2)

Arrependimento/Culpabilidade

Estas mães reclusas manifestam sentimentos de arrependimento e culpabilidade por estarem a privar os seus filhos de liberdade.

A participante 1 (P1) revela arrependimento e culpa, nomeadamente, por ter privado a sua filha de alguns momentos importantes com o pai:

“Nunca mais vou voltar para aqui.” (u.s. 3)

“No início senti-me muito mal e hoje ainda me sinto, sinto-me culpada, é difícil (...)”(u.s. 3)

“Considero esta experiência como negativa e positiva (...) negativa porque tenho a minha filha aqui, tirei-lhe os momentos com o pai, que eu sei que mesmo vindo o pai buscá-la várias vezes, é sempre diferente, e sinto-me culpada (...)” (u.s. 13)

A participante 2 (P2) refere ter superado as dificuldades mas sentir arrependimento:

“(...) com o tempo, tudo passou, só o meu arrependimento ficou até hoje.” (u.s. 2)

A participante 3 (P3) revela culpa e arrependimento ao sentir que está a fazer a sua filha, que é uma criança inocente, sofrer:

“Por um lado, é complicado, sinto que estou a fazer a minha filha sofrer, pagar por um erro meu (...)”. (u.s. 8)

A participante 4 refere sentir-se culpada pelo facto do seu filho não poder usufruir diariamente da companhia de três figuras familiares muito importantes para ele, o pai e as irmãs:

“Sei que o meu filho (...) sente falta das irmãs e do pai e eu sinto-me culpada por isso, por lhe ter tirado alguns momentos com eles e por não poderem estar diariamente todos juntos como eu estou com ele (...)” (u.s. 6)

Proteção/Sentimento pessoal de capacidade para desempenhar o papel de mãe

Apesar das quatro participantes estarem a desempenhar o seu papel enquanto mães num ambiente prisional, sentem que o conseguem fazer da melhor forma, oferecendo toda a proteção e amor aos seus filhos.

A participante 1 (P1) demonstra sentir-se capaz de desempenhar bem o seu papel de mãe, afirmando fazer todos os possíveis para que a sua filha se sinta amada e protegida:

“(...) mas dou muito carinho, amor, tento fazer o possível para que não lhe falte nada que esteja na minha possibilidade.” (u.s. 4)

“Só me preocupo com ela e o bem-estar dela, mesmo sendo aqui na prisão.” (u.s. 7)

A participante 2 (P2) sente-se uma boa mãe e que, independentemente de estar detida, protege e ama o seu filho, lutando também pela felicidade do mesmo:

“Agora, enquanto mãe eu sei que faço e sempre fiz de tudo para o meu filho ser uma criança feliz, eu sinto-me como mãe do meu filho a melhor em tudo e que amor e carinho nunca lhe faltaram nem lhe faltarão, jamais.” (u.s. 10)

A participante 3 (P3) afirma fazer os possíveis para que a sua filha não sinta o ambiente prisional onde está a viver, dando-lhe todo o amor e proteção:

“Consigo dar tudo de mim, atenção, proteção, carinho, amor, tudo o que puder dar e fazer, dou e faço.” (u.s. 6)

“(...) tento ao máximo que ela acabe por não sentir o sítio onde está, dar-lhe tudo o que posso.” (u.s. 9)

A participante 4, apesar de se sentir, por vezes, impotente, tenta fazer tudo para dar toda a estabilidade emocional ao seu filho:

“(...) tento dar toda a estabilidade emocional ao meu filho, dou-lhe todo o amor e proteção.” (u.s. 5)

“Mesmo estando a viver dentro de uma prisão com o meu filho nunca deixei que nada lhe faltasse e no que depender de mim nunca irá faltar.” (u.s. 7)

Suporte familiar

Estas quatro participantes, que se encontram detidas e a desempenhar o seu papel de mães num estabelecimento prisional, afirmam ter todo o apoio da sua família.

A participante 1 (P1) refere usufruir da visita de vários familiares, sentindo o apoio dos mesmos:

“(...) tenho a minha família que me tem apoiado muito, o pai dela também me ajuda muito.” (u.s. 6)

“ A minha família vem sempre à visita quando pode porque durante a semana trabalham mas têm-me dado muito apoio, mãe, pai, irmãos, etc.” (u.s. 10)

A participante 2 (P2) sente que a sua família, apesar de viver longe e não a poder visitar com regularidade, a apoia muito:

“Eu sinto que a minha família me apoia e que estão à minha espera, o facto deles não virem cá com regularidade não quer dizer que não me ajudem ou não me apoiem e se não vêm cá mais vezes é só porque são de muito longe.” (u.s. 9)

A participante 3 (P3) refere duas figuras familiares como o seu grande suporte e apoio nesta fase da sua vida, a mãe, que lhe deu força para escolher seguir com a gravidez, e o pai da sua filha, que demonstrou interesse para a ajudar em tudo o que fosse preciso:

“Mas a minha mãe, que é contra o aborto, deu-me muito apoio para seguir com a gravidez e o pai da minha filha também me deu muito apoio e força e disse para eu não me preocupar que ele iria estar sempre do meu lado, iria fazer tudo o que pudesse e ajudar-me.” (u.s. 2)

A participante 4 refere como algo muito positivo o facto de sentir todo o apoio da sua família:

“E a minha família também me ajuda e apoia muito, o que é bastante bom.” (u.s. 8)

Satisfação face ao Estabelecimento Prisional

Todas as participantes do presente estudo manifestam uma grande satisfação face ao estabelecimento prisional onde se encontram detidas.

A participante 1 (P1) refere que o estabelecimento prisional apresenta boas condições e que satisfaz todas as suas necessidades enquanto mãe, assim como as da sua filha:

“Tanto o estabelecimento prisional como o pavilhão Casa das Mães, satisfazem as minhas necessidades enquanto mãe e as da minha filha. O estabelecimento tem boas

condições, a minha filha adora a creche, gosta da monitora, faz desenhos, vem contente, vai contente e é bom, sente outro ambiente fora do pavilhão.” (u.s. 9)

A participante 2 (P2) manifesta sentimento de satisfação perante o estabelecimento prisional, tanto no seu período de gestação como no crescimento do seu filho:

“Não poderei reclamar do Estabelecimento Prisional de Tires, pois já cá estou faz agora 4 anos e de que me lembro sempre me ajudou tanto na gravidez como no crescimento do meu filho e tudo o que eu peço me vem aceite, nunca, que eu me lembre, foi negado alguma coisa que fosse para o meu filho.” (u.s. 7)

A participante 3 (P3) manifesta satisfação face ao estabelecimento prisional, visto ter um pavilhão destinado apenas às mães reclusas e que lhes consegue oferecer todas as condições que merecem e precisam nesta fase que é a maternidade:

“E afinal, ter um filho num estabelecimento prisional não é tão difícil como eu pensava. Eu já estive noutros pavilhões e era tudo muito diferente, eu pensei que seria igual mas não, aqui na Casa das Mães é tudo muito diferente, muito melhor, mais atenção, mais cuidados, mais preocupação.” (u.s. 4)

A participante 4 demonstra uma satisfação face ao estabelecimento prisional, nomeadamente no que diz respeito aos cuidados de saúde do seu filho:

“Não posso referir nenhuma falha do EP relativamente aos cuidados de saúde do meu filho pois sempre teve o atendimento necessário.” (u.s. 3)

Crescimento pessoal/Efeito suavizante da experiência prisional

Com a experiência de serem mães em contexto prisional, estas participantes afirmam ter aprendido e crescido, enquanto pessoas e enquanto mães, sentindo a companhia dos seus filhos a tempo inteiro como uma ajuda e força na vivência prisional.

A participante 1 (P1) refere a companhia da filha como algo muito positivo da sua experiência e refere ter aprendido várias coisas importantes para a vida em sociedade:

“Esta experiência de ser mãe na prisão tem coisas boas...o facto dela estar aqui comigo (...)” (u.s. 6)

“ Esta experiência fez-me aprender que a vida tem regras, limites e consequências e que o tempo não volta para trás. ” (u.s. 12)

“Considero esta experiência como negativa e positiva, positiva porque agora aprendi que temos que pensar antes de cometer os erros (...)” (u.s. 13)

A participante 2 (P2) sente que ter sido mãe a fez crescer muito, considerando a sua experiência como muito positiva:

“Acho que esta experiência de ser mãe na cadeia foi muito positiva, fez-me ganhar tudo, o facto de ter vindo para a cadeia só me ajudou, pois eu sei que se estivesse na rua muito provavelmente não tinha tido o meu filho e hoje não era de todo a mulher que sou, rica em experiência e mais responsável e sempre a aprender mais a cada dia que passa. (...) Dou graças a deus por ter tido o meu filho e ter uma companhia para a vida toda e dizer a todas as pessoas que eu mudei pelo facto de ser mãe independentemente de estar na cadeia.” (u.s. 11)

A participante 3 (P3) demonstra um efeito suavizante da sua experiência prisional ao usufruir todos os dias da companhia da sua filha, que tem uma importância enorme para si e que lhe dá muita força:

“(...) a minha filha é a minha companheira, é quem me ajuda a passar os dias aqui dentro, a aguentar e a ultrapassar tudo, ter tido a minha filha foi a melhor coisa que me aconteceu.” (u.s. 3)

“Ser mãe aqui na prisão tem o seu lado bom, que é ter a minha filha sempre comigo, é a minha companheira (...)” (u.s. 8)

A participante 4 refere ter crescido, como pessoa e como mãe, e revela ter aprendido muito através de todos os momentos que tem vivido com o seu filho:

“E eu, com a minha experiência de ser mãe na prisão, cresci muito, todos os momentos que passei com o meu filho aqui fez-me aprender muito, cresci como mãe e pessoa.” (u.s. 12)

De seguida, será apresentada uma tabela, onde consta uma síntese dos constituintes essenciais e das variações empíricas:

Constituintes Essenciais	Variações Empíricas			
	P1	P2	P3	P4
Perceção das dificuldades	Ausência do pai da filha; Tentar que a criança não	Estar longe da família; O pavilhão “Casa das	Ausência da família em momentos importantes;	Dificuldades sentidas ao comparar a maternidade

Perceção das dificuldades (Continuação)	perceba o sítio onde está.	Mães” é demasiado fechado.	Não pôde usufruir dos seus hábitos africanos.	em meio livre e em meio prisional.
Impotência/ Frustração	Há coisas que não pode dar à sua filha.	Priva o seu filho das coisas que gosta e que tem em meio livre.	Deu coisas aos seus filhos criados em meio livre que não pode dar à sua filha, que vive consigo em meio prisional.	Sente falta de não poder dar ao seu filho coisas que em meio livre lhe poderia dar, tal como fez com os seus outros filhos.
Vulnerabilidade Psicológica	Medo de perder a filha ou que lhe aconteça algo de mal.	Receia não conseguir responder a todas as necessidades do seu filho.	Insegurança relacionada com o facto de escolher seguir com a gravidez e ter um filho a viver num ambiente prisional.	Medos relacionados com a sua capacidade para ser mãe num contexto prisional.
Arrependimento/ Culpabilidade	Face à privação da sua filha de alguns momentos importantes com o pai.	Sente-se arrependida pela situação em que se colocou a si e ao seu filho.	Face ao sofrimento que sente estar a causar à sua filha.	Sente-se culpada pelo facto do seu filho não poder usufruir diariamente da companhia do pai e das irmãs.

Proteção/ Sentimento pessoal de capacidade para desenvolver o papel de mãe	Dá amor e carinho à sua filha e preocupa-se com o seu bem-estar.	Sente que faz tudo para o seu filho ser feliz.	Sente que consegue dar tudo de si, protegendo sempre a sua filha.	Tenta dar toda a estabilidade emocional ao seu filho.
Suporte Familiar	Usufrui de visitas de vários familiares.	Sente o apoio da família, mesmo encontrando-se a viver longe.	Apoio de dois familiares muito importantes, a mãe e o pai da sua filha.	A família ajuda-a e apoia-a muito.
Satisfação face ao Estabelecimento Prisional	No que toca às suas necessidades enquanto mãe e às do seu filho; Boas condições do estabelecimento prisional.	Apoio no período de gestação e no crescimento do seu filho.	Em relação ao pavilhão, que se destina unicamente a mães reclusas e que oferece as melhores condições.	No que diz respeito aos cuidados de saúde do seu filho.
Crescimento Pessoal/ Efeito suavizante da Experiência Prisional	Aprendizagem de algumas formas para não voltar a cometer os mesmos erros; Companhia da filha como algo bastante positivo.	Sente-se rica em experiência e mais responsável; Sente que aprendeu muito e que mudou para melhor pelo facto de ter sido mãe.	Sente que a companhia diária da sua filha a ajuda a ultrapassar todos os obstáculos.	Sente que cresceu, enquanto pessoa e enquanto mãe, e que aprendeu muito através de todos os momentos que tem vivido com o seu filho.

Tabela 1 – Análise dos Constituintes Essenciais e das Variações Empíricas.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Um dos constituintes essenciais, presente nas descrições das experiências das quatro mães reclusas participantes neste estudo, prende-se com as dificuldades que estas mães sentem ao criarem os seus filhos dentro de um estabelecimento prisional. De acordo com Robertson (2008), o ambiente presente neste tipo de meio poderá afetar as crianças, defendendo Browne (1989) que as próprias mães chegam a pensar que o ambiente prisional não é o mais adequado para o desenvolvimento das crianças, considerando assim ser importante saber distinguir o seu papel maternal do seu papel de “criminosa”. A participante 3 chega mesmo a colocar a possibilidade de fazer um aborto, pois sente que ao ter a sua filha a viver num ambiente prisional lhe irá causar sofrimento (“(...) *pensei em abortar, não queria de todo seguir com uma gravidez e ter um filho neste tipo de ambiente.*”).

Estas mães reclusas referem também como dificuldades algumas das regras estabelecidas dentro de um estabelecimento prisional, tais como gerir a gravidez longe da família e o pavilhão onde vivem com os seus filhos ser demasiado fechado (Participante 2: “*No princípio, foi muito complicado gerir a gravidez longe da minha família (...)*”; “(...) *é muito fechado para ter aqui o meu filho (...)*”; Participante 3: “*Quando a minha filha nasceu, eu não tive visitas no Hospital, nem pude ligar para a minha família (...) porque era greve (...)*”). Isto vai de encontro ao que a literatura diz, no sentido em que, de acordo com Serras e Pires (2004), a dinâmica interna dos estabelecimentos prisionais é bastante rígida, estando portanto a gestão da relação mãe-criança submetida às regras que regem o quotidiano prisional. E isto também serve para explicar a existência de outro constituinte essencial, que diz respeito aos sentimentos de impotência e frustração, também comuns nestas quatro mães, no sentido em que, dada a existência de certas regras e normas dentro de um estabelecimento prisional, estas mães sentem que não podem dar tudo o que gostariam de dar aos seus filhos, visto haver algumas limitações neste tipo de contexto (e.g., Participante 1: “(...) *Sinto que aqui dentro não dou tudo o que gostaria de dar à minha filha, há coisas que não posso dar (...)*”; Participante 4: “(...) *sinto falta de não lhe poder dar algumas coisas que em meio livre lhe poderia dar...tal como fiz com os meus outros filhos (...)*”).

Outro constituinte também presente na experiência destas quatro mães está relacionado com a existência de uma vulnerabilidade psicológica, que se prende com alguns medos e inseguranças presentes durante a gravidez ou mesmo no crescimento dos seus filhos (e.g., Participante 2: “*Tive muitas dúvidas em como conseguia eu cuidar de uma criança (...)*”).

Também tive alguns medos quando o meu filho chorava e eu sem saber o que é que ele tinha (...)”; Participante 3: *“Pensei que iria ser muito difícil ter um filho na prisão, iria fazer sofrer uma criança inocente.”*). De acordo com Wooldredge e Masters (1993), a gravidez e a maternidade são, de facto, períodos de grande vulnerabilidade, esforço físico e adaptação psicológica, em que a mulher passa por várias ansiedades, fragilidades e reajustamentos.

O arrependimento e a culpabilidade são também sentimentos presentes nestas mães (e.g., Participante 3: *“(...) é complicado, sinto que estou a fazer a minha filha sofrer, pagar por um erro meu (...)*”; Participante 4: *“Sei que o meu filho (...) sente falta das irmãs e do pai e eu sinto-me culpada por isso, por lhe ter tirado alguns momentos com eles e por não poderem estar diariamente todos juntos como eu estou com ele (...)*”), o que vai de encontro ao que Cunha (1994) defende, isto é, muitas vezes estas mulheres também se sentem arrependidas e muito culpadas por manterem os seus filhos consigo na prisão. Neste sentido, as reclusas poderão estabelecer relações demasiado fusionais e de grande dependência com os seus filhos e depois, quando têm de se separar deles, visto que em Portugal a permanência das crianças na prisão só é permitida, legalmente, até aos três anos (Decreto-Lei nº 21/2013 de 21 de Fevereiro de 2013), vivenciam-no de forma muito dramática (Rufo, Pioli & Pons, 1994). Esta relação de tipo fusional pode levar a um empobrecimento, capaz de dificultar o desenvolvimento psicológico e sensório-motor da criança (Rufo, Pioli & Pons, 1994).

No entanto, de acordo com as descrições destas mães reclusas acerca das suas experiências, é também comum um sentimento pessoal de capacidade para desempenharem o papel de mãe, oferecendo toda a proteção aos seus filhos (e.g., Participante 1: *“(...) mas dou muito carinho, amor, tento fazer o possível para que não lhe falte nada que esteja na minha possibilidade.”*; Participante 3: *“(...) tento ao máximo que ela acabe por não sentir o sítio onde está, dar-lhe tudo o que posso.”*). Assim, este constituinte essencial vai de encontro ao que Dormoy (1992) defende, isto é, que a culpabilidade sentida por estas mães pode dar origem a comportamentos maternos exemplares, o que é o caso destas quatro participantes.

Outro constituinte essencial comum na experiência destas mães prende-se com o facto de possuírem suporte familiar e com o facto do estabelecimento prisional lhes oferecer as melhores condições (e.g., Participante 4: *“E a minha família também me ajuda e apoia muito (...)*”; Participante 1: *“Tanto o estabelecimento prisional como o pavilhão Casa das Mães, satisfazem as minhas necessidades enquanto mãe e as da minha filha.”*; *“O estabelecimento tem boas condições (...)*”). Neste sentido, o ambiente presente no pavilhão “Casa das Mães” e o apoio interno e familiar que as mães recebem parece contribuir também para o desempenho adequado do papel maternal, sendo que, segundo Zarling, Hirsch e Landry (cit. por Pires, I.,

2001), o apoio social e emocional prestado às mães é uma condição favorável ao estabelecimento de uma boa interação mãe-criança e, tal como Osofsky, Hann e Peebles (1993) referem, permite aos pais sentirem-se compreendidos, através da empatia e do encorajamento, tornando-os mais eficazes no seu papel de progenitores. Portanto, este apoio familiar e técnico favorece o relacionamento e ajuda à tranquilidade e à adequação do comportamento parental.

Por fim, as quatro mães reclusas participantes neste estudo revelaram ter aprendido muito e afirmam ter crescido enquanto pessoas e enquanto mães, sentindo a companhia dos seus filhos a tempo inteiro como uma ajuda e força na sua vivência prisional (e.g., Participante 2: *“Acho que esta experiência de ser mãe na cadeia foi muito positiva, fez-me ganhar tudo, o facto de ter vindo para a cadeia só me ajudou, pois eu sei que se estivesse na rua muito provavelmente não tinha tido o meu filho e hoje não era de todo a mulher que sou, rica em experiência e mais responsável e sempre a aprender mais a cada dia que passa.”*; Participante 3: *“(…) a minha filha é a minha companheira, é quem me ajuda a passar os dias aqui dentro, a aguentar e a ultrapassar tudo, ter tido a minha filha foi a melhor coisa que me aconteceu.”*).

Tendo em conta o que foi dito anteriormente, torna-se então fundamental para estas quatro mulheres o facto de serem mães e de se focalizarem na criança, pois desta forma sentem-se apoiadas e com força e ajuda-as a passar o tempo e a não pensarem tanto na sua situação e angústias, suavizando a sua reclusão e tornando-a mais suportável. Assim, as crianças assumem então diversos papéis perante a sua mãe, nomeadamente, o papel de amigas e de companheiras mas, principalmente, o papel de figuras contentoras, não permitindo que as mães entrem em depressão ou que tenham outro tipo de angústias desorganizadoras (Serras & Pires, 2004). A relação que estas mães estabelecem com os seus filhos permite-lhes dar continuidade ao seu papel de mãe, o que se revela altamente estruturante da sua personalidade e identidade, não sentindo as mesmas necessidade de criar outro tipo de relações, nomeadamente, homossexuais, que são frequentes nas prisões (Cunha, 1994).

Neste sentido, e tal como Cunha (1994) defende, a permanência das crianças junto da mãe amortece então o choque e suaviza a vivência prisional, não se sentindo estas mães tão sozinhas, ajudando-as a ultrapassar o ambiente prisional e, muitas vezes, fazendo-as desejar ser melhores pessoas não só durante a pena como após o cumprimento (Cunha, 1994; Serra & Pires, 2004; Stern, 2004; Christian, 2009). A manutenção de contacto entre a criança e a sua mãe reclusa pode, ainda, diminuir significativamente a probabilidade de reincidência da

mesma e melhora, consideravelmente, a resposta emocional da criança perante a reclusão, proporcionando ainda uma maior ligação entre mãe e filho (Bouchet, 2008; Christian, 2009).

Como síntese de tudo o que foi dito anteriormente, a figura abaixo representa a relação dos vários constituintes essenciais da experiência de ser mãe na prisão.

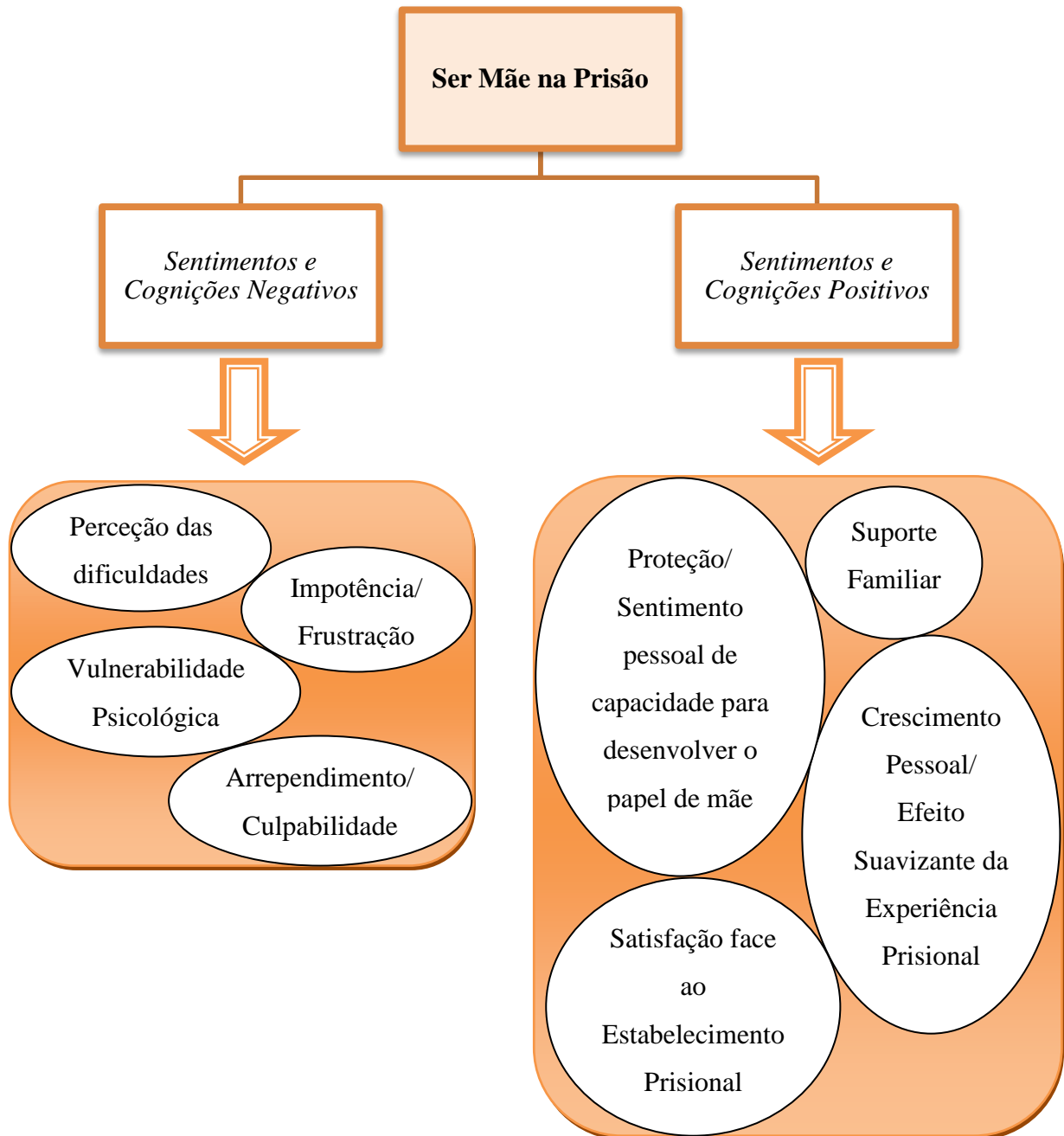


Figura 1 – Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência de Ser Mãe na Prisão.

6. CONCLUSÃO

Com o presente estudo fenomenológico, pode-se então concluir que o aspeto característico do comportamento parental destas mães reclusas é a centração e dedicação total à criança, revelando-se assim ser fundamental para elas usufruírem da companhia dos seus filhos a tempo inteiro, pois ajuda-as a ultrapassar as dificuldades e limites existentes em meio prisional, suavizando a sua vivência prisional. Esta relação muito próxima entre mãe e filho permite que estas mães deem continuidade ao seu papel maternal, o que se revela muito estruturante da sua personalidade e identidade (Cunha, 1994).

De acordo com Dormoy (1992), esta dedicação e centração total na criança, que acontece também em função da culpabilidade que estas mães sentem por terem os seus filhos a viver consigo na prisão, contribui, conseqüentemente, para o desenvolvimento de comportamentos maternos mais dedicados e adequados. Neste sentido, apesar de alguns autores, tais como Neto & Bainer (cit. por Machado, 1997), acreditarem que a mulher delituosa não é capaz de desempenhar o seu papel de mãe de forma eficaz, as mães reclusas participantes no presente estudo revelaram capacidades para desempenhar adequadamente o seu papel maternal, mostrando ser possível manter a relação mãe-filho na prisão.

O ambiente particular que se vive no pavilhão “Casa das Mães” e o apoio interno e familiar que estas mães reclusas recebem, também revelam contribuir para o estabelecimento de uma boa interação mãe-filho (Zarling, Hirsch e Landry, cit. por Pires, I., 2001). Assim, este apoio social e emocional permite que as mães se sintam compreendidas, através da empatia e do encorajamento, e se tornem mais eficazes no seu papel maternal (Osofsky, Hann e Peebles, 1993).

Como limitações do presente estudo, surge, por exemplo, o facto da investigação fenomenológica ser orientada para a descoberta em vez de visar provar uma teoria ou hipótese e como toda a investigação qualitativa, que dependa de relatos de situações por parte de participantes, é igualmente vulnerável. O método de investigação escolhido, se por um lado permite a análise da subjetividade da experiência, por outro, a par com o número de participantes, não permite a generalização ou universalização das conclusões, como tal, as considerações finais são a base para uma discussão acerca do fenómeno mas não são generalizáveis a todos os intervenientes da experiência de ser mãe na prisão.

As limitações em termos de experiência comprovada por parte do investigador deixa em aberto o facto de existir outras posturas por explorar, relativamente à forma como se

processa a obtenção dos dados e até na sua interpretação. Apesar do esforço na adoção de uma postura fenomenológica sobre a leitura, investigação e dialética dos resultados, é impossível um só sujeito, independentemente do método utilizado, aceder a todas as possibilidades de significado sobre um determinado fenómeno, ficando, por isso, muitas outras por explorar.

Finalmente, o investigador acedeu verticalmente à reflexão das participantes sobre a experiência de ser mãe na prisão, a construção dos significados e as mudanças para as suas existências que aparentemente resultaram dessa vivência, Fica por explorar a efetividade dessas mudanças no mundo do sujeito e em termos longitudinais.

Como sugestões para estudos futuros, sugere-se o estudo de mães cujos filhos ficaram a viver no exterior ou que já completaram os três anos de idade e então já saíram da prisão, tentando perceber-se o que mudou e que consequências a separação acarretou. De acordo com Rufo, Pioli e Pons (1994), o fenómeno da separação, desde cedo enraizado na díade, pode ser prejudicial à relação mãe-filho, ao desencadear sentimentos de grande angústia e dependência nas mães. E tal como Browne (1989) defende, as reclusas que se encontram separadas de outros filhos, vivenciam a separação e a maternidade de forma igualmente preocupada, por um lado, por não saberem como os filhos se encontram e, por outro lado, por sentirem insegurança quanto à relação no futuro, pois sentem medo que as crianças se esqueçam delas, que as deixem de amar ou que arranjem outra mãe. Neste sentido, verificando-se que estas mães vivem em função dos filhos e que desenvolvem com eles relações de grande dependência, sugere-se então o estudo de mães que já viveram este momento.

Seria também interessante realizar um estudo sobre como será a relação mãe-filho passado alguns anos do termo da pena de prisão, ou seja, estando já os dois a viver em meio livre, depois de terem passado pela experiência prisional.

Para além disto, tendo em conta que a literatura diz que as mães que passam por um período de adaptação, em que se encontram bastante sensíveis, e que, por vezes, culmina em isolamento e em depressão pós-parto, salienta-se a importância de, em estudos futuros, aprofundar a forma como estas mães vivem a adaptação à prisão e como isso influencia, ou não, o seu comportamento parental, sobretudo se se considerar que as reclusas têm grande probabilidade de passarem por período de depressão e que uma mãe deprimida tem maior dificuldade na interação com a sua criança (Figueiredo, cit. por Pires, I., 2001).

No que toca ao método utilizado para o tratamento de dados do presente estudo, isto é, o Método Fenomenológico de Amadeo Giorgi, o mesmo revelou ser bastante eficiente na descrição de uma experiência subjetiva, demonstrando uma harmoniosa ligação entre os aspetos essenciais e as variâncias de um fenómeno. Adicionalmente, existe também a

possibilidade de prolongar o estudo em termos de análises mais profundas sobre as variâncias empíricas das experiências e os seus respectivos significados.

Espera-se então, que o presente estudo exploratório deixe uma boa contribuição para investigações futuras na área da maternidade em contexto prisional.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting. A process model. *Child Development*, 55, 83-89.
- Bentes, M. H. (1999). *Comportamento parental em situação de risco: mães adolescentes* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Bouchet, S. (2008). *Children and Families with Encarcerated Parents: Exploring Development in the Field and Opportunities for Growth*. The Annie E. Casey Foundation.
- Browne, D. C. H. (1989). Incarcerated mothers and parenting. *Journal of family violence*, 4 (2), 211-221.
- Christian, S. (2009). *Children of Incarcerated Parents*. National Conference of State Legislatures.
- Coltro, A. (2000). A fenomenologia: Um enfoque metodológico para além da modernidade. *Caderno de Pesquisas em Administração*, 1, (11).
- Creswell, J. (2007). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. London: Sage Publications.
- Cunha, M. P. (1989). Prisão feminina como ilha de lesbos e escola do crime. Discursos, representações, práticas. *Cadernos do Centro de Estudos Judiciários: Do Desvio à Instituição Total*, 2, 163-184.
- Cunha, M. P. (1994). *Malhas que a reclusão tece: questões de identidade numa prisão feminina*. Lisboa: Cadernos do Centro de Estudos Judiciários.

- Decreto-Lei nº 21/2013 de 21 de Fevereiro de 2013. *Código da Execução de Penas e das Medidas Privativas da Liberdade*. Diário da República n.º 37/2013, Série I, Ministério da Justiça, Lisboa.
- Direcção-Geral dos Serviços Prisionais (2010). *Relatório de actividades de 2010*. Consultado em 12 de Janeiro de 2015 através de http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/Documentos/DocumentosSite/Rel_Actividades/Rel_Act_Vol_II.pdf
- Donalek, J. G. (2004). Demystifying nursing research: phenomenology as a qualitative research method. *Urologic nursing*, 24, (6).
- Dormoy, O. (1992). Le Enfant et la Prison. *Enfance*, 3 (45), 251-263.
- Ferreira, F. (2007). Educar o Outro – As Questões de Género, dos Direitos Humanos e da Educação nas Prisões Portuguesas. *A experiência da Casa das Mães*, 2, 103 - 115.
- Giorgi, A. (2000). *Phenomenology & Psychological Research*. USA.
- Giorgi, A & Giorgi, B. (2003). The descriptive phenomenological psychological method. In P. M. Comic, J E. Rodhes & L., Kordley (Eds.), *Qualitative Research in Psychology: Expanding Perspectives in Metodology & Design*, 243-271. Washington D.C: APA.
- Giorgi & Sousa. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Gottwald, S. & Thurman, S. (1994). The effects of prenatal exposure on mother-infant interaction and infant arousal in the newborn period. *Topics in Early Childhood Special Education*, 14 (2), 217-231.
- Groenewald, T. (2004). A phenomenological research design illustrated. *Internacional Journal of Qualitative Methods*, 3, (1).

- Hairston, C. F. (2007). *Focus on Children with Incarcerated Parents. An Overview of the Research Literature*. The Annie E. Casey Foundation.
- Machado, M. J. (1997). *Os meninos reclusos: uma avaliação do seu desenvolvimento através da escala de Griffiths* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Malpique, C. (1990). *A ausência do pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Maracek, J. (2003). Dancing through minefields: toward a qualitative stance in psychology. In P.M. Camic, J.E. Rhodes & L. Yardley (Eds.), *Qualitative Research in Psychology: Expanding Perspectives in Methodology and Design*. (pp.49-69) Washington, D.C. American Psychological Association.
- McLeod, J. (2001). The phenomenological approach. *Qualitative Research in Counselling and Psychotherapy*, 3, 33-54. London: Sage Publications.
- Osofsky, J. D., Hann, D. M., & Peebles, C. (1993). Adolescent parenthood: Risks and opportunities for mothers and infants. In Zeanah Jr., Charles H. (Eds.), *Handbook of infant mental health* (pp. 106-119). New York: Guilford Press.
- Pires, A. (1990). Determinantes do comportamento parental. *Análise Psicológica*, 4 (VIII), 439-444.
- Pires, A. (2001). *Crianças (e Pais) em risco*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Pires, I. (2001). *Relação mãe-criança, ambiente prisional e irritabilidade materna*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Universidade de Lisboa; Lisboa.
- Projecto Alcantara (2008). *Estabelecimentos Prisionais*. Consultado em 12 de Janeiro de 2015 através de <http://www.social.projectoalkantara.org/ep.html>
- Ribeiro, A. (1991). Psiquiatria e Saúde Mental no E.P.T. *Temas penitenciários: Direcção Geral dos Serviços Prisionais*, 5/6, 49-54.

- Robertson, O. (2008). *Children Imprisoned by Circumstance*. Quakers United Nations Office. Humans Rights and Refugees Publications.
- Rufo, M., Pioli, M., & Pons, C. (1994). Entre la mère et le enfant, la prison. *Neuropsychiatrie de le enfance et la adolescence*, 42 (8-9), 616-617.
- Serras, D. & Pires, A. (2004). Maternidade Atrás das Grades: Comportamento Parental em Contexto Prisional. *Análise Psicológica*, 2, 413-425.
- Stern, A. H. (2004). *Information Packet: Babied Born to Incarcerated Mothers*. National Source Center for Foster Care and Permanency Planning.
- Townhead, L. (2006). *Woman in Prison and Children of Imprisoned Mothers. Recent Developments in the United Nations Human Rights System*. Quaker United Nations Office.
- Wooldredge, J. D., & Masters, K. (1993). Confronting problems faced by pregnant inmates in state prisons. *Crime and Delinquency*, 39 (2), 195-203.
- Wright, L. E. & Seymour, C. B. (2000). *Effects of Parental Incarceration on Children and Families*.

8. ANEXOS

8.1. Anexo A: Consentimento Informado

Consentimento Informado

Eu, _____, aceito participar no estudo sobre “A Experiência de Ser Mãe na Prisão” da autoria de Ana Castanho (aluna do ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida), orientado pelo Professor Vítor Amorim Rodrigues (Professor do ISPA), no âmbito da cadeira de Seminário de Dissertação do Mestrado em Psicocriminologia. Foram-me explicados os objetivos principais deste estudo, tendo também compreendido que a minha participação no mesmo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim. Foi-me dado ainda conhecimento de que toda a informação fornecida por mim para a realização deste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada a qualquer outra pessoa ou em quaisquer publicações resultantes da pesquisa.

Assinatura _____

Data ___/___/___

8.2. Anexo B: Guião

A Experiência de Ser Mãe na Prisão

Obrigado por ter aceite participar neste estudo sobre a experiência de ser mãe na prisão. Todas as informações fornecidas por si para a realização deste estudo, serão tratadas de forma confidencial, sendo tornadas anónimas antes de qualquer outra pessoa ler e antes de poderem ser utilizadas em quaisquer publicações resultantes da pesquisa.

Gostaria então que descrevesse abaixo a sua experiência como mãe na prisão, contando, por favor, da forma mais detalhada possível e incluindo todos os seus pensamentos e sentimentos acerca da mesma e também a relação que tem com o seu filho.

8.3. Anexo C: Descrições das Experiências das Quatro Participantes

Participante 1

Quando vim presa, decidi logo que a minha filha iria ficar comigo porque no momento que fiquei a saber o resultado do recurso, que decorria desde dois anos atrás, a minha filha tinha 15 dias de vida e não tinha outra opção, e abandonar a minha filha nunca...

Ser mãe na prisão é...ser mãe, ser pai, é ser tudo, tentar que a minha filha não se aperceba onde está, que é muito difícil...é complicado. Nunca mais vou voltar para aqui.

Tive a minha filha na rua e ser mãe dela aqui dentro é muito diferente do que lá fora porque a liberdade é tudo para quem quer que seja, principalmente a liberdade de uma criança que está aqui sem saber porquê e que sitio é este.

No início senti-me muito mal e hoje ainda me sinto, sinto-me culpada, é difícil, vejo a minha filha a crescer aqui dentro e digo “não posso levá-la para o jardim, comprar isto e aquilo”, são tantas coisas que gostaria de fazer por ela mas que não posso!!! Sinto que aqui dentro não dou tudo o que gostaria de dar à minha filha, há coisas que não posso dar, mas dou muito carinho, amor, tento fazer o possível para que não lhe falte nada que esteja na minha possibilidade.

Também sinto medo...medo de perder a minha filha ou que aconteça algo com ela.

Esta experiência de ser mãe na prisão tem coisas boas...o facto dela estar aqui comigo, tenho a minha família que me tem apoiado muito, o pai dela também me ajuda muito.

Só me preocupo com ela e o bem-estar dela, mesmo sendo aqui na prisão. Eu acho que ela já se está a aperceber um pouco do sítio onde está, como sai com o pai deve notar a diferença porque ela diz “vou à rua com o pai”. Apesar da minha filha estar aqui na prisão comigo, acho que ela é uma criança feliz como todas as outras.

Tanto o estabelecimento prisional como o pavilhão Casa das Mães, satisfazem as minhas necessidades enquanto mãe e as da minha filha.

O estabelecimento tem boas condições, a minha filha adora a creche, gosta da monitora, faz desenhos, vem contente, vai contente e é bom, sente outro ambiente fora do pavilhão.

A minha família vem sempre à visita quando pode porque durante a semana trabalham mas têm-me dado muito apoio, mãe, pai, irmãos, etc. O pai da minha filha também a ama

muito, se fosse por vontade dele a menina estava na rua com ele, ela gosta de ir à rua, e gosta de voltar porque fica com saudades da maminha!! Ela volta diferente mas num bom sentido e vem cansada porque não pára de brincar e passear.

Eu trabalho aqui no estabelecimento e é bom, é outra rotina, sair do pavilhão, e também ajuda a passar o tempo enquanto a minha filha está na creche e depois, quando ela volta, é jantar, banho, adormecer...e é a melhor maneira de manter o tempo ocupado.

Esta experiência fez-me aprender que a vida tem regras, limites e consequências e que o tempo não volta para trás.

Considero esta experiência como negativa e positiva, positiva porque agora aprendi que temos que pensar antes de cometer os erros e negativa porque tenho a minha filha aqui, tirei-lhe os momentos com o pai, que eu sei que mesmo vindo o pai buscá-la várias vezes, é sempre diferente, e sinto-me culpada porque foi um erro em 2008 e só depois de ter uma vida organizada é que comecei a ver tudo a andar para trás, foi muito difícil nos dois anos.

Participante 2

Ser mãe pela primeira vez foi e é muito bom, o facto de ter acontecido a minha detenção durante a gravidez não mudou nada.

No princípio, foi muito complicado gerir a gravidez longe da minha família mas depois, com o tempo, tudo passou, só o meu arrependimento ficou até hoje. Tive muitas dúvidas em como conseguia eu cuidar de uma criança pois, se eu ainda me considerava uma criança, na altura com 22 anos, não sabia nada da vida. Também tive alguns medos quando o meu filho chorava e eu sem saber o que é que ele tinha, demorou até eu perceber ou alguém me dizer que poderiam ser cólicas, foi muito difícil até aprender a ser mãe e descobrir os sinais que só eu como mãe dele sabia o que se passava.

Não é à toa que a relação que eu tenho com o meu filho é muito boa, ele conhece-me e sabe quando estou triste e eu sei quando ele não está bem, nós entendemo-nos à nossa maneira.

Eu sinto que dou tudo o que posso e o que está ao meu alcance ao meu filho, mas há certas coisas que ele quer e que eu não posso dar e aí sim fica um sentimento de frustração por ele ter que estar aqui privado da família e das coisas que ele gosta de brincar e comer quando está na rua com os tios (as), e eu sei que ele entende à maneira dele, agora também entende que no sítio onde ele está não pode ter tudo o que quer. Mas também sei que ele é feliz independentemente do sítio onde está.

Não poderei reclamar do Estabelecimento Prisional de Tires, pois já cá estou faz agora 4 anos e de que me lembro sempre me ajudou tanto na gravidez como no crescimento do meu filho e tudo o que eu peço me vem aceite, nunca, que eu me lembre, foi negado alguma coisa que fosse para o meu filho. O meu filho até há um tempo atrás fazia muitas crises de asma após uma consulta que ele fez na qual foi passada medicação, até cara para mim pois não tenho muito dinheiro, e o Estabelecimento Prisional de Tires é que a compra e foi oferecido ao meu filho uma câmara expansora e se não fosse o Estabelecimento Prisional de Tires até hoje o meu filho continuava na mesma com as crises dele, por isso o Estabelecimento Prisional até me tem ajudado muito.

Estar no Pavilhão Casa das Mães não é mau de todo, só tem um senão, é muito fechado para ter aqui o meu filho, então ao fim de semana estão abertos 2 horas por dia no recreio pois as outras 22 horas é como se estivessem fechados, é muito chato, deveria o recreio estar aberto mais tempo visto que aqui é a casa das crianças.

O menino adora a creche, passa lá os dias da semana das 9 horas até às 17 horas, tem as pessoas com quem se dá melhor e outras que nem por isso, adora a Sra. Diretora e os passeios que de vez enquanto fazem com a Sra. Diretora ou mesmo com a Dra. Maria João e é feliz à maneira dele. Já eu, estudo todos os dias de manhã para ver se passo o 12º ano e à tarde vou trabalhar até às 17 horas, essas são as nossas rotinas.

Assim, o meu filho e eu só quebramos as regras da rotina quando a nossa família vem cá a Lisboa para vir buscar o menino, eu sinto que o meu filho gosta de ir à rua com os tios (as), pois sabe que vai comer coisas que ele me pede e sabe que aqui não há mas que tem na rua. Eu sinto que a minha família me apoia e que estão à minha espera, o facto deles não virem cá com regularidade não quer dizer que não me ajudem ou não me apoiem e se não vêm cá mais vezes é só porque são de muito longe. Agora, enquanto mãe eu sei que faço e sempre fiz de tudo para o meu filho ser uma criança feliz, eu sinto-me como mãe do meu filho a melhor em tudo e que amor e carinho nunca lhe faltaram nem lhe faltarão, jamais.

Acho que esta experiência de ser mãe na cadeia foi muito positiva, fez-me ganhar tudo, o facto de ter vindo para a cadeia só me ajudou, pois eu sei que se estivesse na rua muito provavelmente não tinha tido o meu filho e hoje não era de todo a mulher que sou, rica em experiência e mais responsável e sempre a aprender mais a cada dia que passa. Perder algo...só mesmo a liberdade, pois de resto não perdi nada, só ganhei. Dou graças a deus por ter tido o meu filho e ter uma companhia para a vida toda e dizer a todas as pessoas que eu mudei pelo facto de ser mãe independentemente de estar na cadeia.

Participante 3

Eu fiquei grávida quando fui de precária, não estava à espera porque eu tomava uma injeção e pensava que já nem podia ter mais filhos mas depois soube que estava grávida e pensei em abortar, não queria de todo seguir com uma gravidez e ter um filho neste tipo de ambiente. Pensei que iria ser muito difícil ter um filho na prisão, iria fazer sofrer uma criança inocente. Mas a minha mãe, que é contra o aborto, deu-me muito apoio para seguir com a gravidez e o pai da minha filha também me deu muito apoio e força e disse para eu não me preocupar que ele iria estar sempre do meu lado, iria fazer tudo o que pudesse e ajudar-me.

Hoje, arrependo-me imenso de ter pensado em abortar, a minha filha é a minha companheira, é quem me ajuda a passar os dias aqui dentro, a aguentar e a ultrapassar tudo, ter tido a minha filha foi a melhor coisa que me aconteceu. E afinal, ter um filho num estabelecimento prisional não é tão difícil como eu pensava. Eu já estive noutros pavilhões e era tudo muito diferente, eu pensei que seria igual mas não, aqui na Casa das Mães é tudo muito diferente, muito melhor, mais atenção, mais cuidados, mais preocupação.

A gravidez não foi fácil, isso não, foi muito difícil, não podia comer muita coisa que queria, satisfazer os meus desejos, depois tinha a tensão baixa e não podia tomar banho sozinha, não foi fácil. Quando a minha filha nasceu, eu não tive visitas no Hospital, nem pude ligar para a minha família a dar a notícia de que a minha filha já tinha nascido porque era greve, então nem um telefonema pude fazer. Fiquei muito em baixo, ainda por cima é a única menina na família, não foi nada fácil, senti-me só e distante. Eu sou de raça africana e nós estamos habituados que na altura do nascimento de um bebé, é uma casa cheia, os vizinhos vão visitar, a família, todos levam uma prenda, as mães em Cabo-Verde não fazem nada, os vizinhos é que fazem tudo (lavar a roupa do bebé, etc.).

Eu tenho mais dois filhos, um com 18 anos e outro com 14 anos, eles nasceram em Cabo-Verde e ambos nasceram nestes hábitos africanos, esta minha filha foi a única que não, senti falta disso. Senti falta também de não lhe poder comprar uma prenda, a primeira roupa, os primeiros sapatos, tal como fiz com os meus outros filhos. Fez agora um ano, muita coisa que podia usufruir, aqui na prisão não usufrui, não há alguns produtos, alimentação, etc.

Mas pronto, depois tive que me conformar e acabei por superar. Consigo dar tudo de mim, atenção, proteção, carinho, amor, tudo o que puder dar e fazer, dou e faço.

Aos 6 meses, a minha filha foi para a creche e eu comecei a trabalhar. Ela adaptou-se bem, conhece toda a gente, não chora, só se estiver doente, aprendeu a andar há dias.

Para ela, as pessoas aqui do EP são a família dela. De vez enquanto vai aos fins-de-semana à rua para estar com os avós e com o pai, que também a vem aqui visitar, e quando ela volta do fim-de-semana, ela reconhece logo, sinto que a minha filha é uma criança feliz.

Ser mãe aqui na prisão tem o seu lado bom, que é ter a minha filha sempre comigo, é a minha companheira e tem o lado menos bom, que é a privação de liberdade.

Por um lado, é complicado, sinto que estou a fazer a minha filha sofrer, pagar por um erro meu mas tento ao máximo que ela acabe por não sentir o sítio onde está, dar-lhe tudo o que posso. E posso dizer, que apesar de não ter sido fácil, principalmente no início, hoje sinto-me vitoriosa, e sinto esta experiência de ser mãe na prisão como uma experiência positiva.

Participante 4

Ser mãe dentro de um estabelecimento prisional, não é fácil mas não é impossível.

Quando vim presa, trouxe o meu filho comigo que na altura tinha apenas 1 ano e 1 mês, sei o que é ser mãe lá fora em liberdade, pois tenho mais duas filhas com 15 anos e outra com 8 anos, por isso é claro que noto uma grande diferença ao criar um filho dentro de uma prisão. No início, cheguei a sentir medo...medo de não conseguir dar tudo o que o meu filho merece, medo de não o fazer sentir-se feliz e de não ser a mãe que ele merece ter. Não posso referir nenhuma falha do EP relativamente aos cuidados de saúde do meu filho pois sempre teve o atendimento necessário. Mas às vezes, eu própria, sinto falta de não lhe poder dar algumas coisas que em meio livre lhe poderia dar...tal como fiz com os meus outros filhos mas fora isso, eu como mãe tento dar toda a estabilidade emocional ao meu filho, dou-lhe todo o amor e proteção. Sei que o meu filho, apesar de não compreender o sítio onde está atualmente, sente falta das irmãs e do pai e eu sinto-me culpada por isso, por lhe ter tirado alguns momentos com eles e por não poderem estar diariamente todos juntos como eu estou com ele mas por isso, costuma ir passar fins-de-semana com o pai para também se abstrair um pouco daqui e ver o mundo lá fora.

Mesmo estando a viver dentro de uma prisão com o meu filho nunca deixei que nada lhe faltasse e no que depender de mim nunca irá faltar. E a minha família também me ajuda e apoia muito, o que é bastante bom.

O meu filho frequenta a creche do EP, ao qual já estava com hábitos lá de fora, pois antes de vir presa o meu filho frequentava a creche.

Contudo, as dificuldades só se tornam impossíveis se nós assim deixarmos, pois o amor que uma mãe tem pelo seu filho ultrapassa todas as dificuldades e obstáculos sejam eles quais forem.

Apesar das circunstâncias, o meu filho é uma criança agora com 2 anos e 6 meses, feliz e bem desenvolvida como tantas outras. E eu, com a minha experiência de ser mãe na prisão, cresci muito, todos os momentos que passei com o meu filho aqui fez-me aprender muito, cresci como mãe e pessoa.

8.4. Anexo D: Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico

Participante 1

Unidades de Significado	Descrição por Unidade de Significado	Unidades de Significado Psicológico
1. Quando vim presa, decidi logo que a minha filha iria ficar comigo porque no momento que fiquei a saber o resultado do recurso, que decorria desde dois anos atrás, a minha filha tinha 15 dias de vida e não tinha outra opção, e abandonar a minha filha nunca...	1. Refere que a sua decisão imediata foi a de ter a sua filha a viver consigo na prisão, dado não ter outra opção.	1. Sente que abandonar a sua filha não é opção.
2. Ser mãe na prisão é...ser mãe, ser pai, é ser tudo, tentar que a minha filha não se aperceba onde está, que é muito difícil...é complicado.	2. Refere não ser fácil ser mãe e proteger a sua filha num contexto prisional.	2. Noção da existência de algumas dificuldades relacionadas com a maternidade em contexto prisional.
3. Nunca mais vou voltar para aqui. Tive a minha filha na rua e ser mãe dela aqui dentro é muito diferente do que lá	3. Mostra-se arrependida e culpada por ter colocado a sua filha, que é inocente, privada de liberdade, mostrando também sentir-	3. Sentimentos de arrependimento, culpa e impotência relacionados com o facto de ter a sua filha privada de liberdade.

<p>fora porque a liberdade é tudo para quem quer que seja, principalmente a liberdade de uma criança que está aqui sem saber porquê e que sitio é este.</p> <p>No início senti-me muito mal e hoje ainda me sinto, sinto-me culpada, é difícil, vejo a minha filha a crescer aqui dentro e digo “não posso levá-la para o jardim, comprar isto e aquilo”, são tantas coisas que gostaria de fazer por ela mas que não posso!!! Sinto que aqui dentro não dou tudo o que gostaria de dar à minha filha, há coisas que não posso dar,</p>	<p>se impotente por não conseguir que a sua filha usufrua de coisas que poderia usufruir em meio livre.</p>	
<p>4. mas dou muito carinho, amor, tento fazer o possível para que não lhe falte nada que esteja na minha possibilidade.</p>	<p>4. Refere fazer os possíveis para que não falte nada à sua filha e para que a mesma se sinta amada e protegida.</p>	<p>4. Sente-se capaz para desempenhar bem o seu papel de mãe.</p>
<p>5. Também sinto medo...medo de perder a minha filha ou que aconteça algo com ela.</p>	<p>5. Refere ter medo de perder a sua filha ou que algo aconteça com ela.</p>	<p>5. Sente medo de uma possível perda da sua filha.</p>
<p>6. Esta experiência de ser mãe na prisão tem coisas boas...o facto dela estar aqui comigo, tenho a minha</p>	<p>6. Afirma como algo muito positivo desta experiência o facto de ter sempre o apoio da sua família.</p>	<p>6. Sentimentos positivos e de apoio familiar relacionados com a sua experiência como mãe na</p>

<p>família que me tem apoiado muito, o pai dela também me ajuda muito.</p>		<p>prisão.</p>
<p>7. Só me preocupo com ela e o bem-estar dela, mesmo sendo aqui na prisão.</p>	<p>7. Refere preocupar-se sempre com o bem-estar da sua filha.</p>	<p>7. Sentimento de proteção face à sua filha.</p>
<p>8. Eu acho que ela já se está a aperceber um pouco do sítio onde está, como sai com o pai deve notar a diferença porque ela diz “vou à rua com o pai”. Apesar da minha filha estar aqui na prisão comigo, acho que ela é uma criança feliz como todas as outras.</p>	<p>8. Refere que a sua filha já começa a entender o sítio onde está a viver mas que, mesmo assim, é uma criança feliz, como tantas outras.</p>	<p>8. Sente que a sua filha é feliz, independentemente do meio onde se encontra a viver e do qual já se começa a aperceber.</p>
<p>9. Tanto o estabelecimento prisional como o pavilhão Casa das Mães, satisfazem as minhas necessidades enquanto mãe e as da minha filha. O estabelecimento tem boas condições, a minha filha adora a creche, gosta da monitora, faz desenhos, vem contente, vai contente e é bom, sente outro ambiente fora do pavilhão.</p>	<p>9. Refere que a prisão lhe fornece todas as condições para a concretização das suas necessidades enquanto mãe e as da sua filha.</p>	<p>9. Sentimento de satisfação face ao Estabelecimento Prisional, no que toca às condições do mesmo e ao alcance das suas necessidades enquanto mãe e às da sua filha.</p>
<p>10. A minha família vem sempre à visita quando pode porque durante a semana trabalham mas têm-</p>	<p>10. Refere ter todo o apoio familiar nesta fase da sua vida.</p>	<p>10. Sente o apoio da família durante a sua detenção e apresenta sentimentos positivos em relação às idas</p>

<p>me dado muito apoio, mãe, pai, irmãos, etc.</p> <p>O pai da minha filha também a ama muito, se fosse por vontade dele a menina estava na rua com ele, ela gosta de ir à rua, e gosta de voltar porque fica com saudades da maminha!! Ela volta diferente mas num bom sentido e vem cansada porque não pára de brincar e passear.</p>		<p>da sua filha ao exterior.</p>
<p>11. Eu trabalho aqui no estabelecimento e é bom, é outra rotina, sair do pavilhão, e também ajuda a passar o tempo enquanto a minha filha está na creche e depois, quando ela volta, é jantar, banho, adormecer...e é a melhor maneira de manter o tempo ocupado.</p>	<p>11. Refere que o facto de trabalhar no Estabelecimento Prisional ajuda a passar melhor o tempo que não está com a sua filha, pois a mesma encontra-se a frequentar a creche.</p>	<p>11. Vê o trabalho na prisão como algo positivo, que a ajuda a passar melhor o tempo que não está com a sua filha.</p>
<p>12. Esta experiência fez-me aprender que a vida tem regras, limites e consequências e que o tempo não volta para trás.</p>	<p>12. Refere que com a sua experiência ganhou a noção da existência de regras, limites e consequências na vida.</p>	<p>12. Aprendizagem de regras e limites e noção da existência de consequências na vida, através da sua experiência em meio prisional.</p>
<p>13. Considero esta experiência como negativa</p>	<p>13. Considera a sua experiência como mãe na</p>	<p>13. Sentimentos ambivalentes:</p>

<p>e positiva, positiva porque agora aprendi que temos que pensar antes de cometer os erros e negativa porque tenho a minha filha aqui, tirei-lhe os momentos com o pai, que eu sei que mesmo vindo o pai buscá-la várias vezes, é sempre diferente, e sinto-me culpada porque foi um erro em 2008 e só depois de ter uma vida organizada é que comecei a ver tudo a andar para trás, foi muito difícil nos dois anos.</p>	<p>prisão, tanto positiva como negativa, positiva pelo facto de ter feito algumas aprendizagens, como ter adquirido formas de não voltar a cometer os mesmos erros, e negativa por estar a privar a sua filha de liberdade.</p>	<p>Considera a sua experiência como positiva pelo facto de ter adquirido formas de não voltar a cometer os mesmos erros mas, por outro lado, considera a sua experiência como negativa, dado ter colocado a sua filha a viver num meio prisional, privada de liberdade, sentindo-se culpada por isso.</p>
--	---	---

Participante 2

Unidade de Significado	Descrição por Unidade de Significado	Unidade de Significado Psicológico
1. Ser mãe pela primeira vez foi e é muito bom, o facto de ter acontecido a minha detenção durante a gravidez não mudou nada.	1. Refere-se ao facto de ser mãe como algo muito positivo, independentemente do meio onde se encontra a desempenhar esse mesmo papel.	1. Sentimentos positivos e de grande felicidade em relação à maternidade, ocorra esta em meio livre ou em meio prisional.
2. No princípio, foi muito complicado gerir a gravidez longe da minha família mas depois, com o tempo, tudo passou, só o meu arrependimento ficou até hoje.	2. Refere não ter sido fácil o início da sua primeira gravidez decorrer dentro de um meio prisional e mostra arrependimento por se ter colocado nesta situação.	2. Sentimento de dificuldade no início da gravidez em contexto prisional e sentimento de arrependimento ainda presente.
3. Tive muitas dúvidas em como conseguia eu cuidar de uma criança pois, se eu ainda me considerava uma criança, na altura com 22 anos, não sabia nada da vida. Também tive alguns medos quando o meu filho chorava e eu sem saber o que é que ele tinha, demorou até eu perceber ou alguém me	3. Inicialmente, mostrou-se muito insegura pelo facto de ser mãe pela primeira vez e ainda muito jovem.	3. Sentimentos de dificuldade, dúvida, medo e insegurança relacionados com a maternidade pela primeira vez.

<p>dizer que poderiam ser cólicas, foi muito difícil até aprender a ser mãe e descobrir os sinais que só eu como mãe dele sabia o que se passava.</p>		
<p>4. Não é à toa que a relação que eu tenho com o meu filho é muito boa, ele conhece-me e sabe quando estou triste e eu sei quando ele não está bem, nós entendemo-nos à nossa maneira.</p>	<p>4. Refere conseguir manter uma boa relação com o seu filho.</p>	<p>4. Sentimentos positivos no que toca à relação que estabelece com o seu filho.</p>
<p>5. Eu sinto que dou tudo o que posso e o que está ao meu alcance ao meu filho, mas há certas coisas que ele quer e que eu não posso dar e aí sim fica um sentimento de frustração por ele ter que estar aqui privado da família e das coisas que ele gosta de brincar e comer quando está na rua com os tios (as), e eu sei que ele entende à maneira dele, agora também entende que no sítio onde ele está não pode ter tudo o que quer.</p>	<p>5. Refere dar ao seu filho tudo o que é possível dentro de um estabelecimento prisional mas sente-se frustrada por privá-lo de liberdade e por não lhe conseguir dar tudo o que ele quer.</p>	<p>5. Sente que dá ao seu filho tudo o que se encontra ao alcance das suas possibilidades mas sente-se frustrada por privá-lo da liberdade.</p>
<p>6. Mas também sei que ele é feliz independentemente do sítio onde está.</p>	<p>6. Afirma que o seu filho é uma criança feliz, independentemente de se</p>	<p>6. Sente que o seu filho é feliz, mesmo estando a viver num estabelecimento</p>

	encontrar a viver numa prisão.	prisional.
<p>7. Não poderei reclamar do Estabelecimento Prisional de Tires, pois já cá estou faz agora 4 anos e de que me lembro sempre me ajudou tanto na gravidez como no crescimento do meu filho e tudo o que eu peço me vem aceite, nunca, que eu me lembre, foi negado alguma coisa que fosse para o meu filho.</p> <p>O meu filho até há um tempo atrás fazia muitas crises de asma após uma consulta que ele fez na qual foi passada medicação, até cara para mim pois não tenho muito dinheiro, e o Estabelecimento Prisional de Tires é que a compra e foi oferecido ao meu filho uma câmara expansora e se não fosse o Estabelecimento Prisional de Tires até hoje o meu filho continuava na mesma com as crises dele, por isso o Estabelecimento Prisional até me tem ajudado muito.</p>	<p>7. Refere que o Estabelecimento Prisional não falha na concretização das suas necessidades enquanto mãe e nas do seu filho.</p>	<p>7. Sentimento de satisfação em relação ao Estabelecimento Prisional de Tires no que toca às suas necessidades enquanto mãe e às do seu filho.</p>

<p>8. Estar no Pavilhão Casa das Mães não é mau de todo, só tem um senão, é muito fechado para ter aqui o meu filho, então ao fim de semana estão abertos 2 horas por dia no recreio pois as outras 22 horas é como se estivessem fechados, é muito chato, deveria o recreio estar aberto mais tempo visto que aqui é a casa das crianças. O menino adora a creche, passa lá os dias da semana das 9 horas até às 17 horas, tem as pessoas com quem se dá melhor e outras que nem por isso, adora a Sra. Diretora e os passeios que de vez enquanto fazem com a Sra. Diretora ou mesmo com a Dra. Maria João e é feliz à maneira dele.</p> <p>Já eu, estudo todos os dias de manhã para ver se passo o 12º ano e à tarde vou trabalhar até às 17 horas, essas são as nossas rotinas. Assim, o meu filho e eu só quebramos as regras da rotina quando a nossa</p>	<p>8. Refere que o seu filho teve uma adaptação positiva à creche e que é uma criança feliz e refere que a sua rotina todos os dias é à volta da escola e do trabalho, exceto ao fim-de-semana e quando o seu filho sai ao exterior para estar com a família. Demonstra não concordar com algumas regras estabelecidas no pavilhão onde está a viver com o seu filho, pois sendo este pavilhão também considerado a casa de várias crianças, estas permanecem tempo demais fechadas.</p>	<p>8. Sente que o seu filho é feliz e que se adaptou bem à creche e aos funcionários do estabelecimento prisional e sente de forma positiva as idas do seu filho ao exterior, a fim de usufruir de coisas que na prisão não lhe pode dar, mostrando-se apenas insatisfeita com o facto do seu filho estar demasiado tempo fechado.</p>
--	--	--

<p>família vem cá a Lisboa para vir buscar o menino, eu sinto que o meu filho gosta de ir à rua com os tios (as), pois sabe que vai comer coisas que ele me pede e sabe que aqui não há mas que tem na rua.</p>		
<p>9. Eu sinto que a minha família me apoia e que estão à minha espera, o facto deles não virem cá com regularidade não quer dizer que não me ajudem ou não me apoiem e se não vêm cá mais vezes é só porque são de muito longe.</p>	<p>9. Refere ter todo o apoio da família, mesmo encontrando-se a viver longe do estabelecimento prisional.</p>	<p>9. Sente o apoio da família e mostra compreensão por nem sempre conseguirem estar presentes presencialmente.</p>
<p>10. Agora, enquanto mãe eu sei que faço e sempre fiz de tudo para o meu filho ser uma criança feliz, eu sinto-me como mãe do meu filho a melhor em tudo e que amor e carinho nunca lhe faltaram nem lhe faltarão, jamais.</p>	<p>10. Refere fazer tudo para que o seu filho seja feliz, nunca lhe tendo faltado com amor e carinho.</p>	<p>10. Sente que desempenha bem o seu papel de mãe.</p>
<p>11. Acho que esta experiência de ser mãe na cadeia foi muito positiva, fez-me ganhar tudo, o facto de ter vindo para a cadeia só me ajudou, pois eu sei que se estivesse na rua</p>	<p>11. Refere-se à sua experiência como sendo positiva, pelo facto de, através da mesma, ter feito várias aprendizagens e ter ganho responsabilidade, o que considera que não teria</p>	<p>11. Sentimentos positivos, de aprendizagem e de responsabilidade, alcançados através da sua experiência como mãe na prisão.</p>

<p>muito provavelmente não tinha tido o meu filho e hoje não era de todo a mulher que sou, rica em experiência e mais responsável e sempre a aprender mais a cada dia que passa.</p> <p>Perder algo...só mesmo a liberdade, pois de resto não perdi nada, só ganhei.</p> <p>Dou graças a deus por ter tido o meu filho e ter uma companhia para a vida toda e dizer a todas as pessoas que eu mudei pelo facto de ser mãe independentemente de estar na cadeia.</p>	<p>alcançado se não tivesse vivido esta experiência.</p>	
---	--	--

Participante 3

Unidades de Significado	Descrição por Unidade de Significado	Unidades de Significado Psicológico
1. Eu fiquei grávida quando fui de precária, não estava à espera porque eu tomava uma injeção e pensava que já nem podia ter mais filhos mas depois soube que estava grávida e pensei em abortar, não queria de todo seguir com uma gravidez e ter um filho neste tipo de ambiente.	1. Ficou grávida, inesperadamente, numa das suas saídas ao exterior e o seu primeiro pensamento foi fazer o aborto, pois não queria ter o seu filho a viver numa prisão e a sofrer.	1. Sentimento de surpresa em relação ao conhecimento da sua gravidez. Pensou em abortar porque não queria causar sofrimento ao seu filho, ao mantê-lo a viver consigo num estabelecimento prisional.
2. Pensei que iria ser muito difícil ter um filho na prisão, iria fazer sofrer uma criança inocente. Mas a minha mãe, que é contra o aborto, deu-me muito apoio para seguir com a gravidez e o pai da minha filha também me deu muito apoio e força e disse para eu não me preocupar que ele iria estar sempre do meu lado, iria fazer tudo o que pudesse e	2. Teve receio de seguir com a gravidez e fazer sofrer uma criança inocente mas a sua família deu-lhe o apoio e força necessários para seguir com a sua gravidez.	2. Sentiu-se insegura em relação a ter um filho na prisão mas teve todo o apoio da família, nomeadamente da mãe e do pai da sua filha, para prosseguir com a sua gravidez.

ajudar-me.		
3. Hoje, arrependo-me imenso de ter pensado em abortar, a minha filha é a minha companheira, é quem me ajuda a passar os dias aqui dentro, a aguentar e a ultrapassar tudo, ter tido a minha filha foi a melhor coisa que me aconteceu.	3. Refere sentir-se arrependida por ter colocado como hipótese fazer um aborto, pois a sua filha é o melhor de si, é a sua força para ultrapassar qualquer obstáculo.	3. Sentimento de arrependimento por ter pensado em abortar, considerando hoje a sua filha como a sua maior força.
4. E afinal, ter um filho num estabelecimento prisional não é tão difícil como eu pensava. Eu já estive noutros pavilhões e era tudo muito diferente, eu pensei que seria igual mas não, aqui na Casa das Mães é tudo muito diferente, muito melhor, mais atenção, mais cuidados, mais preocupação.	4. Refere que ser mãe na prisão não é tão difícil como se pensa, pois o estabelecimento prisional oferece as melhores condições.	4. Sentimentos positivos e de satisfação em relação à maternidade em contexto prisional e às condições que o mesmo proporciona.
5. A gravidez não foi fácil, isso não, foi muito difícil, não podia comer muita coisa que queria, satisfazer os meus desejos, depois tinha a tensão baixa e não podia tomar banho sozinha, não foi fácil. Quando a minha filha	5. Afirma ter tido uma gravidez difícil, privada de várias coisas das quais sentiu falta, entre as quais os seus hábitos africanos, sentindo ter privado a sua filha de diversas coisas que em meio livre poderia usufruir.	5. Sentiu algumas dificuldades durante a sua gravidez em meio prisional, privação de algumas coisas que teria em meio livre e também sentiu falta de alguns hábitos africanos, dos quais os seus outros dois filhos

<p>nasceu, eu não tive visitas no Hospital, nem pude ligar para a minha família a dar a notícia de que a minha filha já tinha nascido porque era greve, então nem um telefonema pude fazer. Fiquei muito em baixo, ainda por cima é a única menina na família, não foi nada fácil, senti-me só e distante.</p> <p>Eu sou de raça africana e nós estamos habituados que na altura do nascimento de um bebé, é uma casa cheia, os vizinhos vão visitar, a família, todos levam uma prenda, as mães em Cabo-Verde não fazem nada, os vizinhos é que fazem tudo (lavar a roupa do bebé, etc.).</p> <p>Eu tenho mais dois filhos, um com 18 anos e outro com 14 anos, eles nasceram em Cabo-Verde e ambos nasceram nestes hábitos africanos, esta minha filha foi a única que não, senti falta disso.</p> <p>Senti falta também de não lhe poder comprar uma</p>		<p>usufruíram.</p>
---	--	--------------------

<p>prenda, a primeira roupa, os primeiros sapatos, tal como fiz com os meus outros filhos.</p> <p>Fez agora um ano, muita coisa que podia usufruir, aqui na prisão não usufrui, não há alguns produtos, alimentação, etc.</p>		
<p>6. Mas pronto, depois tive que me conformar e acabei por superar. Consigo dar tudo de mim, atenção, proteção, carinho, amor, tudo o que puder dar e fazer, dou e faço.</p>	<p>6. Diz ter superado as dificuldades e afirma tentar dar tudo o que é possível dentro de uma prisão à sua filha.</p>	<p>6. Sentimentos de superação, de proteção e de um bom desempenho do seu papel maternal.</p>
<p>7. Aos 6 meses, a minha filha foi para a creche e eu comecei a trabalhar. Ela adaptou-se bem, conhece toda a gente, não chora, só se estiver doente, aprendeu a andar há dias.</p> <p>Para ela, as pessoas aqui do EP são a família dela. De vez enquanto vai aos fins-de-semana à rua para estar com os avós e com o pai, que também a vem aqui visitar, e quando ela volta do fim-de-semana, ela reconhece logo, sinto que a minha filha é uma criança</p>	<p>7. Refere que a sua filha teve uma adaptação positiva à creche, ao estabelecimento prisional e aos funcionários, sentindo-os já como uma família.</p>	<p>7. Sente que a sua filha é feliz e que se adaptou bem à creche, ao estabelecimento prisional e aos funcionários do mesmo.</p>

feliz.		
8. Ser mãe aqui na prisão tem o seu lado bom, que é ter a minha filha sempre comigo, é a minha companheira e tem o lado menos bom, que é a privação de liberdade. Por um lado, é complicado, sinto que estou a fazer a minha filha sofrer, pagar por um erro meu	8. Considera como ponto positivo da sua experiência o facto de usufruir da companhia da sua filha todos os dias mas apresenta como ponto negativo o facto de a estar a privar de liberdade, causando-lhe sofrimento.	8. Sentimentos ambivalentes no que toca à maternidade em contexto prisional: Sente de forma positiva o facto de ter a sua filha todos os dias consigo mas, por outro lado, sente que está a fazê-la sofrer ao privá-la da liberdade, sentindo culpabilidade.
9. mas tento ao máximo que ela acabe por não sentir o sítio onde está, dar-lhe tudo o que posso.	9. Protege a filha para que não sofra pelo facto de estar a viver dentro de uma prisão.	9. Tenta proteger o máximo possível a sua filha.
10. E posso dizer, que apesar de não ter sido fácil, principalmente no início, hoje sinto-me vitoriosa, e sinto esta experiência de ser mãe na prisão como uma experiência positiva.	10. Refere sentir-se vitoriosa, tendo ultrapassado as dificuldades e considerando hoje a sua experiência como mãe na prisão uma experiência positiva.	10. Sentimento de mãe vitoriosa e sentimentos positivos em relação à sua experiência como mãe em contexto prisional.

Participante 4

Unidades de Significado	Descrição por Unidade de Significado	Unidades de Significado Psicológico
<p>1. Ser mãe dentro de um estabelecimento prisional, não é fácil mas não é impossível.</p> <p>Quando vim presa, trouxe o meu filho comigo que na altura tinha apenas 1 ano e 1 mês, sei o que é ser mãe lá fora em liberdade, pois tenho mais duas filhas com 15 anos e outra com 8 anos, por isso é claro que noto uma grande diferença ao criar um filho dentro de uma prisão.</p>	<p>1. Sente uma grande diferença ao criar o seu filho dentro de uma prisão, em comparação com as suas filhas que criou em meio livre.</p>	<p>1. Sentimento de dificuldade em relação à maternidade em contexto prisional.</p>
<p>2. No início, cheguei a sentir medo...medo de não conseguir dar tudo o que o meu filho merece, medo de não o fazer sentir-se feliz e de não ser a mãe que ele merece ter.</p>	<p>2. Refere que, inicialmente, sentiu medo de não conseguir dar ao filho tudo aquilo que deseja.</p>	<p>2. Sentiu alguns medos relacionados com a sua capacidade para ser mãe em meio prisional, sentindo-se desta forma insegura.</p>
<p>3. Não posso referir nenhuma falha do EP relativamente aos cuidados de saúde do meu filho pois</p>	<p>3. Refere que o Estabelecimento Prisional de Tires não apresenta falhas no que toca aos</p>	<p>3. Sentimento de satisfação em relação ao Estabelecimento Prisional de Tires, no que toca aos</p>

sempre teve o atendimento necessário.	cuidados de saúde do seu filho.	cuidados de saúde do seu filho.
4. Mas às vezes, eu própria, sinto falta de não lhe poder dar algumas coisas que em meio livre lhe poderia dar...tal como fiz com os meus outros filhos	4. Senti falta de não poder dar ao seu filho algumas coisas que poderia dar em meio livre, tal como fez com os seus outros filhos.	4. Sentimento de impotência pelo facto de não conseguir dar ao seu filho aquilo que sabe que poderia dar em meio livre.
5. mas fora isso, eu como mãe tento dar toda a estabilidade emocional ao meu filho, dou-lhe todo o amor e proteção.	5. Refere dar todo o amor, proteção e estabilidade emocional ao seu filho.	5. Sentimento de proteção em relação ao seu filho.
6. Sei que o meu filho, apesar de não compreender o sítio onde está atualmente, sente falta das irmãs e do pai e eu sinto-me culpada por isso, por lhe ter tirado alguns momentos com eles e por não poderem estar diariamente todos juntos como eu estou com ele mas por isso, costuma ir passar fins-de-semana com o pai para também se abstrair um pouco daqui e ver o mundo lá fora.	6. Sente-se culpada pelo facto do seu filho não poder estar diariamente com o seu pai e as suas irmãs, de quem ele sente falta.	6. Sente-se culpada por privar o seu filho da presença diária do seu pai e das suas irmãs.

7. Mesmo estando a viver dentro de uma prisão com o meu filho nunca deixei que nada lhe faltasse e no que depender de mim nunca irá faltar.	7. Refere que satisfaz todas as necessidades do seu filho, mesmo estando este a viver consigo na prisão.	7. Sente que satisfaz todas as necessidades do seu filho, independentemente do meio onde se encontra.
8. E a minha família também me ajuda e apoia muito, o que é bastante bom.	8. Refere como algo muito positivo o apoio familiar do qual usufrui.	8. Sente ter todo o apoio da sua família.
9. O meu filho frequenta a creche do EP, ao qual já estava com hábitos lá de fora, pois antes de vir presa o meu filho frequentava a creche.	9. Refere que o seu filho frequenta a creche do Estabelecimento Prisional de Tires, tal como frequentava uma creche no exterior.	9. Refere que o seu filho mantém, em meio prisional, o hábito de frequentar a creche, que adquiriu em meio livre.
10. Contudo, as dificuldades só se tornam impossíveis se nós assim deixarmos, pois o amor que uma mãe tem pelo seu filho ultrapassa todas as dificuldades e obstáculos sejam eles quais forem.	10. Refere que todas as dificuldades e obstáculos que possam surgir são ultrapassados através do amor que uma mãe tem pelo seu filho.	10. Sente que o amor que uma mãe tem pelo seu filho ajuda a ultrapassar quaisquer dificuldades ou obstáculos.
11. Apesar das circunstâncias, o meu filho é uma criança agora com 2 anos e 6 meses, feliz e bem desenvolvida como tantas outras.	11. Refere que, independentemente das circunstâncias, o seu filho é uma criança feliz e bem desenvolvida.	11. Sente que o seu filho, tal como outras crianças, é feliz e não tem quaisquer problemas de desenvolvimento, independentemente do meio onde se encontra a viver.
12. E eu, com a minha	12. Refere ter crescido,	12. Revela aprendizagem e

experiência de ser mãe na prisão, cresci muito, todos os momentos que passei com o meu filho aqui fizeram-me aprender muito, cresci como mãe e pessoa.	enquanto pessoa e enquanto mãe, e revela ter aprendido diversas coisas com todos os momentos que tem partilhado com o seu filho.	um crescimento pessoal através da sua experiência enquanto mãe na prisão.
--	--	---